





**A PRIMEIRA
PRESIDÊNCIA:**
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

**CONSELHO
DOS DOZE:**
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust

**COMITÊ
DE SUPERVISÃO:**

M. Russell Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee
F. Enzio Busche

**EXECUTIVO DO
«INTERNATIONAL
MAGAZINE»:**

M. Russell Ballard,
Editor;

Larry A. Hiller,
Editor Gerente;
David Mitchell,
Editor Associado;
Bonnie Saunders
Seção Infantil;
Roger Gylling,
desenhista;

**EXECUTIVO DE
A LIAHONA:**

Danilo Talanskas,
Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado,

Editor;
Victor Hugo da Costa
Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção

A Liahona

Julho de 1981
PBMA0595PO
SÃO PAULO - BRASIL

HISTÓRIA E DESTAQUES

1. Mensagem da Primeira Presidência
UMA GLORIOSA PROMESSA, Presidente Marion G. Romney
4. **COMO OBTER UM TESTEMUNHO DE JESUS CRISTO**,
Élder Bruce R. McConkie, do Conselho dos Doze.
16. **PARA ONDE SEUS PASSOS NOS LEVAM**,
Élder Vaughn J. Featherstone, do Primeiro Quorum dos Setenta.
22. **DESASTRE DE TREM!**, Carole Osborne Cole.
25. **ELA COMPARTILHOU SUA POBREZA**, Martha P. Taysom.
27. **PERGUNTAS E RESPOSTAS**, Dean Jarman.
30. **“E A VERDADE VOS LIBERTARÁ”**,
Élder James E. Faust, do Conselho dos Doze.
34. **EU TROUXE MEU TERRÍVEL INIMIGO PARA A IGREJA**,
Shawn Bell e Matt Taylor.
37. **UM TESTE SOBRE REPETIÇÃO NAS ESCRITURAS**, John A. Tvedtnes.
39. **AMIGOS NA HORA DA AFLIÇÃO**, William G. Hartley.
47. **VENCENDO NOSSOS ENGANOS**, Lowell L. Bennion.

SEÇÃO INFANTIL

- I O CÃO FANTASMA, Laurie W. Thornton.
- VALMA ELIZABETH VEM PARA A AMÉRICA, William G. Hartley.
- VIII SÓ PARA DIVERTIR

- I O Coro do Tabernáculo no Brasil
- V Nova Estaca em Porto Alegre
- VI Vovô Garcia Foi Batizado
- VII Festa de Aniversário da Sociedade de Socorro
- VIII Escrud
- IX Conferência dos Jovens da Estaca de Belo Horizonte
Escotismo na Estaca S. Paulo Norte
- X O Desenhista Mórmon
- XI Bem-vindo à Minha Casa
- XII Um Poema, Uma Oração / Mensagem de Amor
- XIII O Patinho Azul / As Janelas do Céu
- XIV Famílias SUD Atingidas Pela Inflação

Capa: Pintura de Ted Henninger, 1980,
“Acalmando a Tempestade”.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o nº 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP*. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 100,00 para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 10,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta e impressa por Bandeirante S.A. Gráfica Editora, Rua Joaquim Nabuco, 351 - Fone 4523444 - São Bernardo do Campo - S.P. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração, Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

UMA GLORIOSA PROMESSA

Presidente Marion G. Romney Segundo Conselheiro na Primeira Presidência.



O Senhor disse: “Se tu me amas, me servirás e guardarás os meus mandamentos.” (D&C 42:29.)

O Profeta Joseph Smith declarou: “Não podemos guardar todos os mandamentos, a menos que os conheçamos, e não podemos querer conhecê-los todos ou mais do que conhecemos agora, a não ser que coloquemos em prática e cumpramos os que já temos.” (*History of the Church*, Vol. 5, p. 135.)

Quando o Senhor organizou a Igreja em 1830, logo em seguida deu diversas revelações nas quais estabeleceu a lei da Igreja, a lei que deveria governar o seu povo.

Creio ser proveitoso nos conscientizarmos de que o evangelho de Jesus Cristo não se encontra apenas na Bíblia. Aceitamos as doutrinas do evan-

gelho que ela contém como a palavra de Deus. Os ensinamentos bíblicos são a palavra de Deus, desde que não tenham sido deturpados. Os ensinamentos da Bíblia, porém, são apenas uma parte dos que o Senhor deu a seus profetas nas dispensações passadas.

Em cada dispensação, desde os dias de Adão até os do Profeta Joseph Smith, o Senhor voltou a revelar os princípios do evangelho. Desse modo, conquanto os registros das dispensações anteriores, desde que não tenham sido corrompidos, testemunhem das verdades do evangelho, ainda assim cada dispensação teve reveladas em sua época verdades suficientes para orientar seus respectivos povos, independente dos registros do passado.

Não quero com isto desacreditar, de

maneira alguma, os registros que temos das verdades que o Senhor revelou nas dispensações primitivas. O que pretendo é gravar profundamente em nossos corações o fato de que o evangelho, conforme foi revelado ao Profeta Joseph Smith, é completo. Ele é a palavra de Deus vinda diretamente dos céus para esta dispensação. Não tivéssemos outras escrituras, ele seria suficiente para nos ensinar os princípios de vida eterna. Ele é a verdade revelada, os mandamentos dados nesta dispensação através de profetas modernos, pelos quais devemos ser governados.

Consideremos agora alguns deles:

“Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de todo o teu poder, mente e força; e em nome de Jesus Cristo o servirás.” (D&C 59:5.)

“Honrai vosso pai e vossa mãe, para que os vossos dias sejam prolongados na terra que o Senhor vosso Deus vos dará.” (I Néfi 17:55.)

Honrar pai e mãe é agradar e honrar a Deus.

“Amarás ao teu próximo como a ti mesmo” (D&C 59:6).

“Não serás ocioso; porque o ocioso não comerá o pão nem usará as vestes do trabalhador” (D&C 52:42).

Temos, portanto, que ser um povo industrioso, trabalhador e frugal.

E novamente ele disse: “E agora, eis que eu falo à igreja. Não matarás; e o que matar não terá perdão nem neste, nem no mundo futuro” (D&C 42:18).

É evidente que há sabedoria em obedermos a este mandamento.

Em outra declaração, o Senhor acrescentou esta frase à escritura: “nem farás coisa alguma semelhante” (D&C 59:6), o que nos sugere que existem outras transgressões não especificadas, que são semelhantes ao assassinato, sujeitas a igual penalidade.

“Não furtarás; o que furtar e não se arrepender, será expulso” (D&C 42:20). Isto significa que o ladrão que não se arrepender deve ser afastado da Igreja, privado de sua condição de membro.

Acredita-se que as violações deste mandamento: “Não furtarás”, constituem maior percentual de crimes que todos os outros juntos.

Há inúmeras espécies de furtos. Felizmente existem pessoas que, através de um viver digno do poder do discernimento, conseguem distinguir claramente entre o que é honesto ou não.

“Não mentirás; o que mentir e não se arrepender, será lançado fora” (D&C 42:21).

“Amarás a tua esposa de todo o teu coração” (D&C 42:22).

“Não cometerás adultério; e o que cometer adultério, e não se arrepender, será expulso” (D&C 42:24).

Este mandamento se encontra também no Decálogo (Êxodo 20:14), e foi reiterado nesta dispensação, para que não tenhamos dúvidas de que o povo da Igreja desta época deve obedecer a ele rigorosamente.

Aquele que viola este mandamento sofre uma perda que somente é superada em gravidade por aquele que comete assassinato. A perda da companhia do Espírito do Senhor, penalidade que sempre acompanha o adultério, diminui a capacidade de discernir entre o certo e o errado. Mentira, perda do auto-respeito e deslealdade são íntimos companheiros dessa transgressão. Se estivermos seriamente interessados em ter sucesso em tudo aquilo que almejamos, devemos fugir de toda espécie de imoralidade, como de uma praga.

“Não falarás mal do teu próximo, nem lhe farás mal algum” (D&C 42:27).

“E eis que te lembrarás dos pobres” (D&C 42:30).

“Juntos habitareis em amor” (D&C 42:45).

“Não cobiçarás” (D&C 29:25).

Existem inúmeros outros. Seria proveitoso se estudássemos as escrituras e nos conscientizássemos de nossas responsabilidades.

Algumas normas são idênticas às que o Senhor deu aos filhos de Israel nos Dez Mandamentos. Mesmo assim, foram repetidas nesta dispensação. Portanto, não temos desculpas para não guardá-las, nem podemos dizer que já não se acham em vigor.

E assim, concluindo, repito o desafio de vivermos estritamente o espírito e a letra dos mandamentos do Senhor - seu código divinamente prescrito para uma vida feliz. Assim fazendo, não somente alcançaremos sucesso temporal, mas também o que é de maior valor: paz, auto-realização, alegria e felicidade eterna.

“E, se guardares os meus mandamentos e perseverares até o fim, terás a

vida eterna, o que é o maior de todos os dons de Deus.” (D&C 14:7).

Uma promessa realmente gloriosa.

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Relate uma experiência pessoal que ilustre a idéia de que os dez mandamentos do Senhor são um “código para uma vida feliz”.

2. Pergunte se algum membro da família tem uma experiência pessoal a respeito dos mandamentos como “código para uma vida feliz”.

3. Existem alguns versículos de escritura neste artigo que a família poderia ler em voz alta em uníssono, ou qualquer outra escritura suplementar que você gostaria de ler?

4. Este debate a respeito de “viver os mandamentos” seria mais proveitoso após uma conversa preliminar com o chefe da família?

5. O presidente do quorum ou bispo tem alguma mensagem a transmitir ao chefe da família a respeito desse debate sobre a “observância dos mandamentos”?

Todos nós corremos —

Corremos ao encalço do tempo,

Corremos para recuperar o tempo,

Corremos para ganhar tempo, e é comum se ouvir dizer:

Não tenho tempo.

Queria tanto ajudar, mas não tenho tempo.

Não posso esperar mais, não tenho tempo.

Não posso aceitar um cargo por falta de tempo.

Quero ler e estudar, mas não tenho tempo.

Quando jovem diz: mais tarde, agora não tenho tempo.

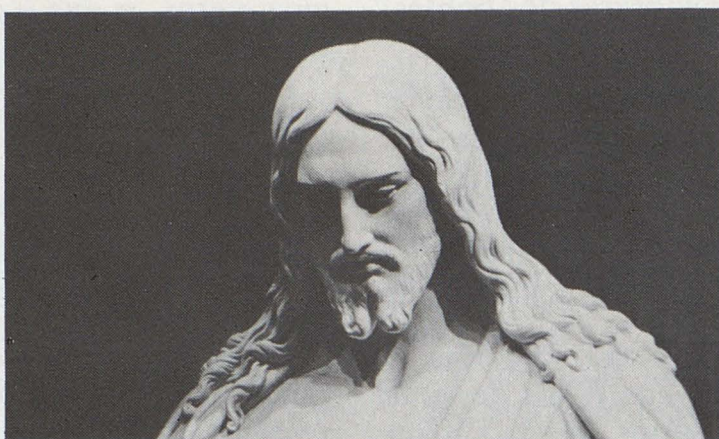
Quando adulto: mais tarde.

Quando velhos: agora pretendo, mas ainda assim fica para mais tarde.

Quando à morte: Não há mais tempo, é muito tarde.

Assim corre a humanidade, apressada, atropelada, sobrecarregada, mas acreditem, os mais ocupados são sempre aqueles que encontram tempo.

Não peça aos desocupados que façam alguma coisa, eles não têm tempo.



COMO OBTER UM TESTEMUNHO DE JESUS CRISTO

Élder Bruce R. McConkie, do Conselho dos Doze

Durante alguns anos, procurei aprender tudo o que um mortal poderia a respeito da vida de Jesus Cristo — a vida mais exemplar que já houve — de suas palavras e obras realizadas na carne durante o período de sua existência terrena, da expiação efetuada por nós, e da glória que havia em sua vida, morte e ressurreição.

Ao pensar nele, minha alma se enche de solene respeito. A gloriosa Majestade vinda dos céus habitou entre os homens. Ele fez da carne o seu tabernáculo; nasceu de uma mulher; assumiu a forma de um humilde servidor; consentiu em deixar seu trono eterno para abolir os efeitos da morte e proporcionar a vida e imortalidade ao homem através

do evangelho. O Grande Deus, o Eterno Jeová, o Senhor Onipotente se fez homem e habitou entre nós, como Filho de Maria, como Filho de Davi, como Servo Sofredor, como a Perfeita Manifestação do Pai.

Em 1935, no centenário da organização do primeiro quorum de apóstolos nesta dispensação, a Primeira Presidência da Igreja, constituída pelos presidentes Heber J. Grant, J. Reuben Clark Jr. e David O. McKay, emitiu o seguinte pronunciamento: “Duas grandes verdades devem ser aceitas pela humanidade se ela quiser salvar-se: Primeiro, que Jesus é o Cristo, o Messias, o Unigênito, mesmo o Filho de Deus, cujo sangue expiatório e ressurreição nos salvou da morte física



e espiritual, à qual ficamos sujeitos devido à queda; e em segundo lugar, que Deus restaurou novamente na terra, nestes últimos dias, seu Santo Sacerdócio e a plenitude do evangelho eterno, através do Profeta Joseph Smith, para a salvação de todos os homens que habitam este mundo. Sem estas verdades, o homem não pode ter a menor esperança de obter as riquezas da vida futura.” (*Improvement Era*, abril de 1935, p. 205.) Logo após estas palavras, a Primeira Presidência prestou seu testemunho e, com efeito, o testemunho de todos nós, de toda a Igreja, quanto à veracidade daquelas duas declarações.

Temos uma gloriosa mensagem para propagar ao mundo. É uma mensagem de salvação, uma mensagem de alegria, esperança e boas-novas. Ela é de natureza espiritual, e assim sendo, surge imediatamente a questão de como estabelecer a realidade e origem divina dessa mensagem.

Que prova se pode apresentar de verdades espirituais? Como provar que Cristo realmente ressuscitou? Como provar que o Pai e o Filho apareceram a Joseph Smith, ou que qualquer dos outros ministradores angélicos veio ao mundo para lhes conferir chaves, poderes e autoridades, quando a Igreja foi estabelecida?

Encontramo-nos exatamente na mesma situação que os antigos apóstolos. Eles também tinham uma mensagem importante para transmitir ao mundo. Eles deviam,

primeiramente, proclamar a origem divina do Senhor Jesus, que ele era realmente o Filho literal de Deus, o qual viera ao mundo e efetuara o sacrifício expiatório infinito e eterno, através do qual todos os homens são levantados em imortalidade, e que os que crêem e obedecem aos seus ensinamentos podem ser ressuscitados para a vida eterna. Em segundo lugar, tinham de proclamar que eles próprios, Pedro, Tiago e João, e todos os Doze, os setentas e outros discípulos — eram administradores legais comissionados por Deus, por ele investidos com poder, e as chaves do reino, com o direito de proclamar as verdades do evangelho, e com o poder de administrar suas ordenanças. Todavia, como poderiam aqueles onze homens e seus companheiros — onze galileus sem nenhuma instrução rabínica ou erudição do ponto de vista dos homens — sair pelo mundo e cumprir a responsabilidade que o Salvador lhes dera, de levar a mensagem de salvação a toda criatura?

Usarei uma parte da vida de Cristo como ilustração, como padrão ou indício, mostrando como a mensagem de salvação foi proclamada naquela época. Se soubermos entender o princípio envolvido nesse ensinamento, teremos a capacidade de discernir o que devemos fazer em nossa época para levar avante uma mensagem equivalente a todos os outros filhos de nosso Pai.

Creio que um testemunho de Jesus Cristo depende da crença na ressurreição: se Jesus se levantou dos

mortos, ele é o Filho de Deus! Se ele é o Filho de Deus, seu evangelho é verdadeiro! Se o evangelho é verdadeiro, temos de crer nele e colocá-lo em prática, ou estaremos correndo o risco de não obter a exaltação que ele nos possibilita! Temos de aceitar suas verdades, ser batizados e viver a lei, ou seremos condenados! A única conclusão possível é que, se os antigos apóstolos tinham o poder e capacidade de convencer os homens de que Jesus Cristo ressurgiu dos mortos, então eles conseguiram estabelecer a veracidade e origem divina daquele trabalho. Porém, como vamos provar que a ressurreição foi real? Conforme veremos a seguir, podemos prová-la através do testemunho.

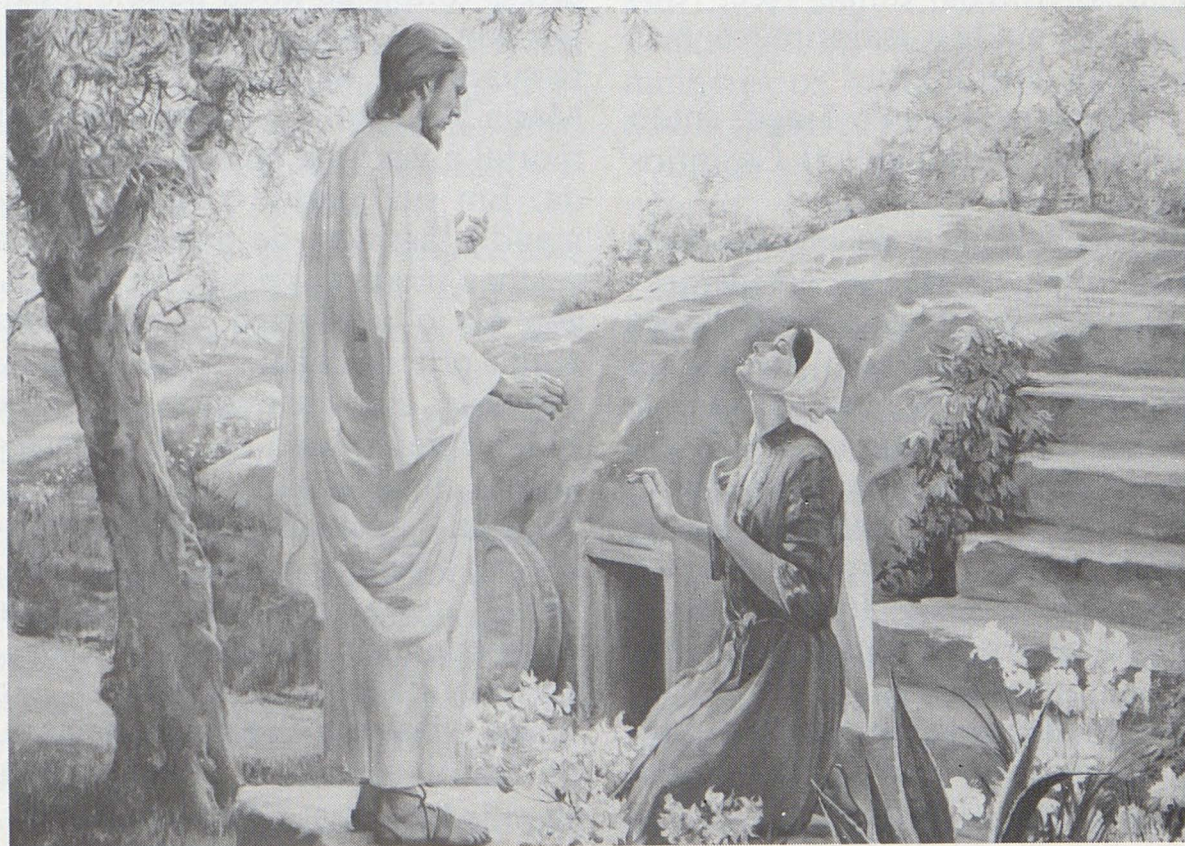
Paulo testemunhou que Jesus Cristo foi “declarado Filho de Deus se-

gundo o espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos” (Rom. 1:1-4). A ressurreição prova que Jesus era o Filho de Deus. As palavras a seguir também são do Apóstolo Paulo: “Ora, eu vos lembro, irmãos, o evangelho que já vos anunciei; o qual também recebestes, e no qual perseverais;

(“Agora este princípio é o coração, o centro e o âmago do evangelho:) pelo qual também sois salvos, se é que o conservais tal como vo-lo anunciei; se não é que crestes em vão.

“Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as escrituras;

“Que foi sepultado: que foi ressuscitado no terceiro dia, segundo as escrituras;





“Que apareceu a Cefas, e depois aos doze;

“Depois apareceu a mais de quinhentos irmãos duma vez, dos quais vive ainda a maior parte, mas alguns já dormiram;

“Depois apareceu a Tiago, então a todos os apóstolos” (I Coríntios 15:1-7).

Eis agora a parte da vida de Jesus Cristo que gostaria de considerar:

Já é depois da ceia e dos sermões proferidos no cenáculo, depois da incompreensível agonia sofrida no Jardim do Getsêmani, depois do julgamento e de sua crucificação. O corpo de Jesus foi colocado numa tumba antes do crepúsculo da sexta-feira, e seu espírito esteve no mundo espiritual durante trinta e oito ou quarenta horas.

Na madrugada do domingo, Jesus levantou-se dentre os mortos. Não sabemos a hora exata, mas os

registros dizem que era “ainda escuro” (João 20:1), quando Maria Madalena foi visitar o sepulcro. De todas as mulheres mencionadas no Novo Testamento, Maria Madalena é a mais preeminente, com exceção apenas de Maria, a mãe do Senhor. Ela é a única mulher que sabemos ter acompanhado o Mestre e os Doze em suas viagens missionárias por todas as aldeias e cidades da Galiléia. Chegando ao sepulcro, ali não encontrou o corpo do Senhor Jesus. Os anjos lhe pediram que dissesse a Pedro que Cristo havia ressuscitado, e que ia adiante deles para a Galiléia, de acordo com o que havia prometido.

Não conhecemos a seqüência exata dos acontecimentos, mas podemos ter uma certeza razoável. Ela provavelmente foi informar a Pedro e voltou de novo àquele local, ou saiu da tumba e viu o Senhor ressuscitado. Seja qual for o caso, Maria Madalena foi o primeiro ser mortal a ver uma pessoa ressuscitada. Em sua grande aflição, derramando lágrimas de ansiedade, ela sentiu a presença de alguém que julgou ser o jardineiro, e disse com muita propriedade: “Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei” (João 20:15). O personagem disse apenas uma palavra: “Maria.” Imediatamente ela reconheceu o Senhor e respondeu: “Raboni,” que é uma forma reverente de pronunciar a palavra “Rabi”, que significa “meu Senhor” ou “meu Mestre”. Naquele instante, ela tentou abraçar o Senhor Jesus, mas ele lhe disse: “Não me toques,

porque ainda não subi ao Pai” (João 20:17).

Pois bem, ou aconteceu mais alguma coisa após este evento, não registrada nas escrituras, ou entre aquele episódio e o que se segue o Senhor subiu ao Pai, pois logo em seguida lemos que “quando já despontava o primeiro dia da semana” (Mateus 28:1), outras mulheres chegaram, aparentemente em grupo, e dirigiram-se ao sepulcro, onde os ministradores angélicos lhes disseram diversas coisas. Porém, quando voltavam, diz o registro, elas encontraram Jesus e abraçaram seus pés. Isto significa que sentiram as marcas dos cravos que neles havia e talvez muito mais. Não sabemos o que aconteceu naquela ocasião, a não ser que Jesus lhes transmitiu a mesma mensagem que os anjos deram à mulher de Magdala. O Salvador disse: “Ide dizer a meus irmãos que vão para a Galiléia” (Veja Mateus 28:10). Foram estas as duas aparições do Senhor ressuscitado na manhã da Páscoa.

A aparição seguinte, embora não possamos documentá-la acuradamente — pois não sabemos em que parte da cronologia ela se encaixa — foi a Pedro. Acreditamos que deva ter ocorrido porque ele seria o presidente da Igreja, pois possuía as chaves do reino. O Senhor apareceu a ele, obviamente para renovar e confirmar o relacionamento entre o poder e autoridade que o apóstolo tinha, e para comissioná-lo de novo a realizar o trabalho que lhe fora designado.

A aparição seguinte, cujos deta-

lhes conhecemos, deu-se no caminho de Emaús, cidade de localização desconhecida, mas que sabemos ficava de 11 a 13 quilômetros de Jerusalém. Na tarde daquele dia, dois discípulos iam de Jerusalém a Emaús. Um deles se chamava Cleofas e presumimos que o outro era Lucas, considerando que somente ele registra o que ali ocorreu. Enquanto caminhavam, um estranho juntou-se a eles e perguntou-lhes a respeito do que conversavam. Os viajantes, um tanto aborrecidos por ver aquele homem interferir em sua sagrada conversa, indagaram: “És tu o único peregrino em Jerusalém que não sabe das coisas que nela têm acontecido nestes dias? Não soubeste que Jesus foi crucificado por ocasião da Páscoa, e que ele prometeu ressurgir no terceiro dia?” (Veja Lucas 24:18-21). Contaram-lhe ainda que algumas mulheres os haviam informado de que o Senhor ressuscitara.

Então o Salvador lhes disse: “Ó néscios, e tardos de coração para crerdesem tudo o que os profetas disseram!” (Lucas 24:25), e continuou citando de Moisés aos profetas e o livro de Salmos, a respeito das profecias messiânicas concernentes a si próprio. Essa conversa provavelmente durou pelo menos duas horas. Seja como for, eles chegaram à vila de Emaús, onde os discípulos pretendiam pernoitar, e convidaram-no a ficar com eles, dizendo: “Fica conosco, porque é tarde” (veja Lucas 24:29). Ele fez como que devesse seguir viagem, mas acabou aceitando o convite.

Estando entre eles, partiu o pão e o abençoou. O Senhor deve tê-lo feito de um modo bastante peculiar, ou algo mais aconteceu para remover o véu dos olhos dos apóstolos, pois eles imediatamente o reconheceram. Jesus então desapareceu de diante deles.

Esta foi a quarta aparição. Aqueles dois discípulos voltaram imediatamente a Jerusalém, e, lá chegando, dirigiram-se a um lugar chamado cenáculo. Podemos afirmar, com boa margem de certeza, que foi o mesmo cenáculo onde se realizara a Última Ceia. Era um aposento largo e cômodo, e ali se achava congregado um bom número de fiéis. Geralmente só ouvimos falar que os apóstolos participaram desse evento, mas é provável que ali se encontrassem também outras pessoas, o que nos leva a presumir que entre elas havia algumas mulheres. Ali chegando, os discípulos começaram a relatar aos demais o que lhes havia acontecido. Porém, quando entraram no aposento, alguém estava testificando que o Senhor havia aparecido a Simão, sendo esta uma evidência de que aquela aparição se deu pelo menos uma hora antes desta.

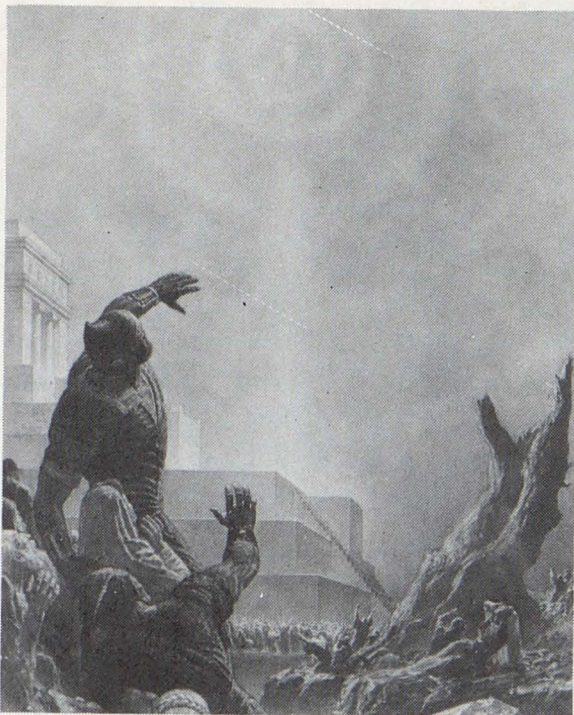
Enquanto continuavam a comer e a prestar seu testemunho, as escrituras dizem que Jesus apareceu no meio deles. Os registros dizem ainda que eles ficaram “espantados e atemorizados, e pensavam que viam algum espírito” (Lucas 24:37), uma conclusão plausível, pois se encontravam num aposento fechado, com a porta fechada, no

qual um ser; materializando-se, havia entrado através do teto ou da parede. O Senhor lhes disse então: “Por que estais perturbados? e por que surgem dúvidas em vossos corações?”

“Olhai as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede; porque um espírito não tem carne nem ossos, como percebeis que eu tenho” (Lucas 24:38-39).

Eles indubitavelmente sentiram as marcas dos cravos em suas mãos e pés, e apalpam a ferida que a lança fizera em seu lado. Sabemos por declaração expressa que foi exatamente isso que os santos nefitas fizeram, quando o Senhor lhes apareceu durante a última parte daquele ano nas Américas. Então o Salvador disse àqueles que se achavam no cenáculo: “Tendes aqui alguma coisa que comer?” (Lucas 24:41), o que era apenas uma pergunta de retórica, pois os apóstolos estavam comendo, e o Senhor sabia disso. Eles trouxeram-lhe “um pedaço de peixe assado e favos de mel” (Lucas 24:42-43). Depois disso, conversaram durante mais algum tempo.

Dez dos doze apóstolos se encontravam lá. Por algum motivo que desconhecemos, Tomé estava ausente na ocasião. Quando os outros lhe contaram o acontecido, ele declarou: “Se eu não vir os sinais dos cravos em suas mãos, e não meter o dedo no lugar dos cravos, e não meter a mão em seu lado, de maneira nenhuma creerei” (João 20:25). Isto nos leva a supor que havia uma certa dúvida em seu coração, e de



fato existia, porém não menos real que a que houvera na mente dos outros dez, quando julgaram que Jesus era um espírito. Tomé revelava com isso que não entendia ainda a natureza corpórea e literal da ressurreição, embora devesse ter aceito o testemunho dos apóstolos. Tomé, de fato, era um dos mais valentes dos Doze — ele foi o único deles que disse ao Senhor: “Eu irei e morrerei contigo”, quando Jesus ia partir para levantar Lázaro dos mortos, no momento em que os outros disseram que os judeus daquela região procurariam matá-lo (João 11:16).

Pois bem, aqueles eram homens valentes, zelosos e dedicados, mas estavam ainda aprendendo pouco a pouco e passo a passo.

Uma semana depois, o mesmo ou outro grupo de santos estava reunido, aparentemente no cenáculo, guardando o dia do Senhor e assim

estabelecendo o padrão de fazê-lo no domingo.

Jesus apareceu e disse a Tomé: “Chega aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; chega a tua mão e metea no meu lado; e não mais sejas incrédulo, mas crente” (João 20:27). Então ele aparentemente caiu de joelhos e disse: “Senhor meu e Deus meu! (João 20:28). Cremos que ele aceitou o convite do Salvador, e sentiu e tocou as feridas, como os outros haviam feito uma semana antes. Então seguem as palavras com que elogiou os outros por terem acreditado sem ver (João 20:29).

A próxima aparição, segundo a cronologia dos registros bíblicos, ocorreu à margem do Lago Tiberíades (Mar da Galiléia), algum tempo depois das anteriormente mencionadas. Ela teve lugar pela manhã bem cedo. Somente sete dos Doze se achavam presentes, cinco dos quais são mencionados na escritura: Eles haviam pescado a noite inteira sem nada apanhar. Jesus apareceu à margem do lago e chamou-os, dizendo: “Filhos, tendes alguma coisa de comer?” Eles não tinham. Jesus então disse: “Lançai a rede à direita do barco, e achareis” (João 21:5-6). Eles assim fizeram, e imediatamente as redes se encheram a ponto de quase se romperem, à semelhança do milagre que o Senhor fizera em sua vida mortal, entre os filhos de Zebedeu.

João, dotado de um pouco mais de discernimento espiritual, disse: “É o Senhor” (João 21:7). E Pedro, de natureza impulsiva, lançou



fora o manto de pescador e nadou até a margem, para ser o primeiro a saudá-lo. Os outros recolheram os peixes. Quando chegaram à margem, viram que Jesus tinha acendido um fogo, no qual estava assando um peixe e um pão, e pediu-lhes mais alguns dos que haviam pescado, acrescentando-os ao que já estava preparando. Os apóstolos comeram, e presumimos — por uma razão que mais tarde indicaremos — que Jesus também comeu naquela ocasião.

Foi então que Jesus perguntou a Pedro, por três vezes, se o amava, e lhe deu o sublime decreto de pastorear seu rebanho. Foi ali, também, que ele disse que João viveria para prestar testemunho dele diante das nações e reinos, antes de ver o Senhor voltar em sua glória.

A aparição seguinte deu-se naquela montanha da Galiléia. Pouco sabemos a respeito desse evento, mas é óbvio que foi uma aparição grande e gloriosa, pois mais de quinhentos irmãos a presenciaram. Isto nos leva a crer que também havia algumas mulheres entre aquele grupo de pessoas. O Mestre provavelmente seguiu o mesmo padrão que o de sua visita aos nefitas, e, para uma congregação daquela natureza, ele deve ter pregado novas doutrinas e feito muitas outras coisas que não faria se fosse um grupo menor. Seja como for, nessa ocasião ele proferiu o decreto dizendo aos Doze, que fossem por todo o mundo e pregassem o evangelho a toda criatura. Não resta dúvida de que Jesus deve ter-lhes dito muitas outras coisas.

Com esta são oito aparições. A nona foi a Tiago (ver I Cor. 15:7).

A décima aparição, a que o Novo Testamento se refere, foi na época da ascensão. Com referência a ela, sabemos que quarenta dias após a ressurreição, ele apareceu aos onze apóstolos. Eles aparentemente tinham ido ao Monte das Oliveiras, e lá estando, o Senhor conversou com eles a respeito da restauração do reino de Israel. Depois disso, o Salvador subiu aos céus. O relato bíblico nos diz que dois anjos apareceram aos apóstolos e disseram: “Varões galileus, por que ficais aí olhando para o céu? Esse Jesus que dentre vós foi elevado para o céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir” (Atos 1:11).

Por este pequeno exame, aprendemos diversas coisas importantes: sabemos que os seres ressurretos têm glória em si mesmos, que podem caminhar como os mortais que vivem sobre a terra; eles podem conversar, argumentar e ensinar como faziam quando estavam na mortalidade; que podem esconder ou manifestar sua verdadeira identidade; que podem atravessar, com seus tabernáculos corpóreos, paredes sólidas; que têm corpo de carne e ossos, que podem ser sentidos e tocados; que, se necessário, (e em ocasiões especiais) eles podem manter as cicatrizes e ferimentos que tiveram na carne; que podem comer e digerir alimentos; que podem desaparecer da vista dos mortais e transportar-se por meios que desconhecemos.

Mas agora, como podemos provar que o Pai e o Filho apareceram

a Joseph Smith? Como provar a veracidade da mensagem de salvação que Jesus transmitiu àqueles apóstolos? Eis uma ilustração, e as palavras aqui mencionadas fazem parte do sermão que Pedro proferiu quando foi à casa de Cornélio, o qual havia sido visitado por um anjo e especialmente agraciado perante os olhos do Senhor. Pedro declarou: “Nós somos testemunhas de tudo quanto fez, tanto na terra dos judeus como em Jerusalém: ao qual mataram, pendurando-o num madeiro;

“A este ressuscitou Deus ao terceiro dia e lhe concedeu que se manifestasse;

“Não a todo o povo, mas às testemunhas predeterminadas por Deus, a nós, que comemos e bebemos juntamente com ele, depois *que ressurgiu dentre os mortos.*

“Este nos mandou pregar ao povo, e testificar que ele é o que por Deus foi constituído juiz dos vivos e dos mortos.

“A ele todos os profetas dão testemunho de que todo o que nele crê receberá a remissão dos pecados pelo seu nome” (Atos 10:39-43; grifo nosso.)

A maneira pela qual Pedro e os santos primitivos provavam que Jesus era o Filho de Deus, e que, portanto, o evangelho que ele ensinou era o plano de salvação, foi estabelecendo que o Salvador ressurgiu dentre os mortos. A maneira pela qual podemos provar que um homem pode levantar-se dos mortos porque é um ser espiritual, é prestando testemunho pelo poder do Espírito quanto ao nosso conheci-

mento de que ele é um ser pessoal, real e literal. Pedro poderia ter-se apresentado a uma congregação, dizendo: “Eu sei que Jesus é o Senhor, porque Isaías disse isto e mais aquilo a respeito dele, ou porque um de seus outros profetas o declarou”. E ele assim fez, creio eu, citando os profetas como prova inabalável. Porém, a atitude mais majestosa que Pedro poderia tomar seria levantar-se diante do povo e dizer: “Eu sei que ele era o Filho de Deus. Estive junto dele no cenáculo. Eu o reconheci. Ele é quem ministrou entre nós por mais de três anos. Eu senti o sinal dos cravos em suas mãos e pés. Coloquei a mão em seu lado, no lugar onde a lança o feriu. Eu o vi alimentar-se — comer peixe e favos de mel. Ele tem um corpo físico. Ele declarou que seu corpo é de carne e ossos. Eu sei que é o Filho de Deus. Eu sou sua testemunha!”

A mensagem de salvação é proclamada através do testemunho, e este segmento da vida do Senhor Jesus estabelece o padrão que devemos seguir, mostrando-nos o que fazer ao levarmos a mensagem de restauração a todos os outros filhos de nosso Pai Celestial.

Como podemos provar que a mensagem da restauração é verdadeira? Ora, pregando o evangelho. Precisamos pregar as doutrinas da salvação, pois, do contrário, as pessoas não estarão aptas a julgar, nem tampouco em posição de avaliar inteligentemente o mérito e a prova de nosso testemunho. Primeiramente devemos ensinar às

pessoas o que Deus fez, em sua maravilhosa glória, na época em que vivemos. Devemos ensinar-lhes como os céus foram abertos e como ele falou novamente, restaurou a plenitude do evangelho e enviou mensageiros celestiais para conferir as chaves, poderes e autoridades aos homens. Depois de termos ensinado a verdade através das sagradas escrituras, e explicado a mensagem com clareza, tornando-a tão clara e simples quanto pudermos, segue o ato culminante e convincente que ainda falta, que é prestar nosso testemunho.

Como membros da Igreja e do reino de Deus na terra, recebemos o que chamamos de dom do Espírito Santo, o qual é o direito de contarmos com a companhia constante daquele membro da Deidade, desde que sejamos fiéis aos convênios. Isto significa que o Espírito Santo de Deus, que é um personagem de espírito, em harmonia com as leis, as eternas leis que foram estabelecidas, falará ao espírito que existe dentro de nós, dando-nos uma certeza eterna, certeza essa que chamamos de *testemunho*. Ele vem ao homem por revelação do Espírito Santo de Deus.

Em nossa época, o testemunho é constituído de três coisas: Do conhecimento de que Jesus é o Senhor, de que ele é o Filho de Deus vivo que foi crucificado pelos pecados do mundo; também do fato de que Joseph Smith foi um profeta de Deus, chamado para restaurar as verdades do evangelho e ser um revelador do conhecimento de Cristo

para a nossa época; e finalmente, do conhecimento de que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é a única igreja verdadeira e viva sobre a face da terra, o único lugar em que se pode encontrar a salvação, a organização que administra o evangelho e, portanto, a salvação aos filhos dos homens.

Nós pregamos o evangelho e depois de termos ensinado essas verdades com a maior clareza possível, prestamos testemunho, dizendo: "Eu sei." Dizemos que o Espírito Santo de Deus revelou a mim, a nós, aos santos dos últimos dias, que esta obra é verdadeira. Depois de termos ensinado o evangelho e prestado testemunho, toda pessoa que estiver em sintonia, todo indivíduo que se preparou espiritualmente para aceitar a verdade, sentirá no coração que nossas palavras são verdadeiras. Quando isso acontecer, já não será uma mera questão de argumento nem de debate; não será uma conversão intelectual. Será uma revelação do Santo Espírito de Deus.

Creio que em toda época e dispensação foi seguido esse mesmo procedimento. Creio também que temos em nossos dias algo de maior valor e importância do que já tivemos em qualquer período da história da humanidade. O Senhor nos deu o Livro de Mórmon como uma testemunha da verdade, e seu propósito é "convencer o judeu e o gentio de que Jesus é o Cristo, o Deus eterno, manifestando-se a todas as nações" (página-título do Livro de Mórmon). Ele surgiu para

"provar ao mundo que as santas escrituras são verdadeiras, e que Deus inspira aos homens e os chama ao seu santo serviço, nesta época e geração, tanto quanto em gerações de tempos antigos" (D&C 20:11).

Se não pudermos encontrar algum fato na vida de Jesus Cristo que se aplique a nós, não estaremos obtendo dela todos os benefícios que estão ao nosso alcance. Devemos examinar sua vida e viver a nossa da mesma forma que ele. Devemos estudar cada episódio de sua existência e através deles aprender os conceitos e princípios que nos possibilitarão agir como ele teria feito em ocasiões semelhantes, para que possamos realizar o que foi requerido que façamos em nossa época.

Quando o próprio Salvador testificou da veracidade do Livro de Mórmon, usou a linguagem mais solene conhecida pela humanidade. Ele fez um juramento, e disse a respeito de Joseph Smith: "Ele traduziu aquela parte do livro que eu lhe ordenei, e, assim como vive o nosso Senhor e vosso Deus, a tradução é verdadeira." (D&C 17:6).

Se estivermos na devida sintonia e entendermos os princípios implícitos nas realidades eternas de que falamos, devemos estar aptos a prestar essa mesma espécie de testemunho com referência à restauração da verdade eterna em nossos dias. Devemos estar aptos a dizer: "O Senhor restaurou e estabeleceu seu reino novamente entre os homens." E sendo Deus nossa testemunha, a veracidade de nossas palavras será incontestável.

PARA ONDE SEUS PASSOS NOS LEVAM

Élder Vaugh J. Featherstone do Primeiro Quorum dos Setenta



Lembro-me da história de uma leitora muito voraz, que tinha uma biblioteca repleta dos melhores livros. Toda noite, quando chegava em casa, tinha o costume de ler um trecho de algum deles, e sempre chegava ao fim de cada livro que lia.

Certa noite, decidiu ler um deles que estava propositadamente evitando; mas, desta vez, reunindo toda sua coragem, retirou-o da estante e começou a lê-lo. Era o livro mais monótono e enfadonho que conhecia, mas como prometera a si mesma jamais pegar algum livro sem terminar a leitura, continuou a lê-lo, noite após noite, até que

um dia, conseguiu a custo chegar até a última página e colocou-o de volta entre os demais, dizendo de si para si:

— Este foi o livro mais sem graça que li em toda minha vida!

Tempos depois, ela encontrou-se com um conhecido que lhe perguntou se ela já lera determinado livro. A mulher recordou-se então daquele livro maçante, e respondeu: — Sim, por quê?

O homem respondeu: — Por que fui eu que o escrevi. — Então eles passaram algum tempo falando a respeito da obra.

Naquela noite, quando o autor a dei-

xou na porta de casa, ela entrou na biblioteca, tirou novamente aquele livro da estante e leu-o até altas horas da noite. Quando os primeiros raios de sol iluminaram o céu, ela acabou de ler a última página, e guardando-o, fez outra observação mental para si própria: — Este foi o livro mais maravilhoso que li em toda a minha vida. — A única diferença é que agora ela conhecia o autor.

O Senhor declarou em Doutrina e Convênios:

“Ouvi àquele que é o advogado junto ao Pai, e que está pleiteando a vossa causa perante ele -

“Dizendo: Pai, contempla os sofrimentos e a morte daquele que não cometeu pecado, em quem te comprazes-te; contempla o sangue do teu filho que foi derramado, o sangue daquele que deste para que tu mesmo fosses glorificado;

“Portanto, Pai, poupa estes meus irmãos que crêm em meu nome, para que possam vir a mim e ter a vida eterna.” (D&C 43:3-5.)

Precisamos conhecer nosso Autor, pois muitas coisas eternas dependem de o conhecermos ou não.

Creio que o assunto que melhor abranjo dentro de meu limitado conhecimento é Jesus Cristo. Conheço mais e já li mais a respeito dele, e servi mais na sua causa do que tudo mais que já fiz na vida. Sinto-me emocionado ao exteriorizar meus sentimentos sobre o Mestre.

Acho que deveríamos ocasionalmente fazer um exame retrospectivo em nossa vida, e pensar um pouco a respeito da vida do Salvador. O Profeta Alma declarou:

“E eis que nascerá de Maria, em Jerusalém, que é a terra de nossos ante-

passados. Ela será virgem, um vaso precioso e escolhido, e o Espírito Santo a cobrirá com sua sombra e ela conceberá pelo poder dele e gerará um filho, sim, o próprio Filho de Deus.

“E sofrerá penas, angústias e tentações de toda espécie, e isto para que se cumpra a palavra que diz que ele tomará sobre si as dores e enfermidades de seu povo.

“E tomará sobre si a morte, para poder soltar as cadeias da morte que prendem a seu povo; e tomará sobre si as suas enfermidades, para que suas entranhas se encham de misericórdia, segundo a carne, e para que possa conhecer, segundo a carne, como socorrer seu povo, de acordo com suas enfermidades.

“O Espírito, porém, conhece todas as coisas; não obstante, o Filho de Deus padecerá segundo a carne, para poder tomar sobre si os pecados de seu povo e apagar suas transgressões de acordo com o poder de seu livramento; e este é o testemunho que está em mim.” (Alma 7:10-13.)

Creio que para examinar consistentemente a vida do Salvador, preciso compartilhar o que ele faz por nós em nossa vida diária. O ato de seguir seus passos nos levará a locais aonde jamais suporíamos que a vida pudesse nos conduzir. Permitam-me compartilhar com vocês apenas alguns lugares aos quais o ato de seguir os passos do Salvador nos pode levar.

Acho que todos nós já lemos sobre a viúva que colocou sua pequena moeda no tesouro, talvez um tanto embaraçada com a exigüidade de sua oferta. Pois bem, certa vez ouvi uma irmã dizer ao bispo, no momento em que fazia o acerto anual do dízimo: “Este é o meu dízimo integral. “Com uma atitude

de humilde, ela complementou: “Foi só isto o que ganhei, bispo, mas é um dízimo integral.” A soma era tão irrisória, que o montante ganho por ela a colocava entre as pessoas mais pobres da região. E pensar que existem criaturas que ganham muito mais do que ela e dizem que são pobres demais para pagar o dízimo! Creio que ainda não conseguimos entender bem esse princípio. No mundo, existem pessoas que têm pobreza d’alma, que têm pobreza de espírito — e outras ricas de espírito, como aquela meiga irmã.

Quando nos lembramos do Salvador, recordamo-nos também da mulher que há doze anos vinha sofrendo de um fluxo diário de sangue. Ela já consultara inúmeros médicos e gastara tudo o que possuía, mas estava cada vez pior. Certo dia, ela soube que Jesus passaria pelas ruas da cidade. Aguardando-o com desesperada expectativa, estou certo de que ela se insinuou por entre a multidão, pensando consigo mesma: “Se tão-somente tocar-lhe as vestes, ficarei curada.” Finalmente ela conseguiu alcançar o Salvador, tocou-lhe a borda do manto e ficou curada.

No mesmo instante, o Mestre parou e disse: “Quem me tocou as vestes?” Os discípulos então responderam: “Vês que a multidão te aperta e perguntas: Quem me tocou?” Voltando-se e olhando para o grupo de pessoas que o rodeava, o Senhor sem dúvida notou que aquela mulher sobressaía da multidão, como uma lâmpada acesa. Se eu estivesse lendo corretamente nas entrelinhas, ela sentiu-se culpada pelo que fizera, e é possível que tenha pensado: “Eu devia ter pedido a ele.” Então timidamente se adiantou, e ajoelhando-se diante do mestre, confessou com

Quando os primeiros raios de sol iluminaram o céu, ela acabou de ler a última página do livro e, guardando-o, fez outra observação mental para si própria: “Este foi o livro mais maravilhoso que li em toda minha vida.” A única diferença é que agora ela conhecia o autor.

singeleza: “Senhor, fui eu.” Jesus lhe disse: “Filha, a tua fé te salvou”. (Marcos 5:24-34.) Eu amo o Salvador por esse gesto.

Mas amo-o também por muitas outras coisas, devido aos outros lugares a que fui levado seguindo seus passos. Amo-o por um telefonema que recebi de Idaho. Um jovem casal acabara de ter gêmeos prematuros. Um deles estava passando bem, mas o outro foi levado apressadamente ao Centro Médico da Universidade de Utah. O bebê pesava pouco mais de meio quilo. Imagine três pacotes de manteiga, e terão uma idéia aproximada do peso daquela pequena alma. O telefonema que recebi dizia: “Ele já foi administrado, mas será que você poderia ir até o hospital e dar-lhe uma bênção?” Verifiquei meus compromissos e notei que a única hora disponível naquele dia era às cinco da manhã. Fui até o centro médico, entrei no quarto e vi a criança num balão de oxigênio. Coloquei meus dedos - era tudo o que podia fazer - sobre a testa daquele pequenino ser, abençoei-o e tive a impressão, emanada de Deus, de que aquele menino, que agora tem 1,82m e pesa 87 quilos — seria um jovem embaixador do Mestre.

Houve ainda outras experiências. Certa vez eu estava saindo de uma con-

ferência, quando uma adorável família me fez parar. Eles conheciam um não-membro da Igreja que estava passando por sérias dificuldades, e queriam saber se eu poderia dar-lhe uma bênção. Fomos até o apartamento dele. Na sala de estar, havia apenas duas peças de mobiliário: um almofadão e um conjunto estéreo — e nada mais. Uma menina de nove anos de idade tomava conta do pai, pois a mãe, ao saber que o marido estava com câncer, abandonou-o, além da menina e seu irmãozinho mais novo. A garota levou-nos até o quarto dele, e lá, na parte de baixo de um beliche, encontramos o homem de 1m80 de altura pesando no máximo uns trinta quilos. Administramos-lhe e sentimos que ele não viveria, mas tivemos a firme impressão de que devíamos abençoá-lo com algo que seria de maior valor para ele: que seus filhos fossem protegidos, que os anjos os acompanhassem durante toda a sua vida, que fossem amparados quando o pai não mais estivesse neste mundo. Não há dinheiro no mundo, capaz de comprar esse tipo de experiências.

Ao procurar seguir os passos do Salvador, tive recentemente oportunidade de conhecer um jovem e seu pai. O rapaz e um amigo estavam passeando nas colinas de Cody, Wyoming, quando este quis pular sobre um fio de alta tensão que estava caído, mas não conseguindo superar o obstáculo, tropeçou nele e foi eletrocutado. O outro correu imediatamente até onde o pai do rapaz morava — e não era muito perto, — e contou-lhe que seu filho estava morto. O homem, que não era uma pessoa muito jovem, correu colina acima e cobriu o trajeto em quinze minutos. Chegando onde o filho jazia sobre o fio de alta tensão, ele de alguma forma conse-

guiu retirá-lo de lá, usando uma tábua ou galho comprido. Então, tomando o filho nos braços, segurou-o firmemente, dizendo: “Em nome de Jesus Cristo e pelo poder e autoridade do santo Sacerdócio de Melquisedeque, ordeno-lhe que viva”. O rapaz abriu os olhos, quando ainda nos braços do pai, e foi levado ao Centro Médico de Utah, onde conseguiu recuperar-se.

O Senhor não apenas nos dará grandes experiências, mas também transformará nossa vida. Lembro-me da história de Sadraque, Mesaque e Abednego, três jovens hebreus levados à presença do rei Nabucodonosor, por terem-se recusado a adorar sua imagem. O rei, extremamente irado, disse a eles: “Sadraque, Mesaque e Abednego... se... vos prostrardes e adorardes a estátua que fiz, bom é; mas, se não a adorardes, sereis lançados, na mesma hora, dentro da fornalha de fogo ardente.” (Daniel 3:15.)

Vocês percebem a coação insuportável a que aqueles três foram submetidos? Não se tratava de uma pressão insignificante ou de uma pequena tentação, mas a própria vida deles estava em jogo.

E eles responderam: “Ó Nabucodonosor... nosso Deus, a quem nós servimos, pode livrar-nos da fornalha de fogo ardente; e ele nos livrará de tua mão, ó rei.”

E disseram ainda: “Mas se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste” (Daniel 3:16-18).

Creio que para o Senhor exercer essa espécie de influência sobre aqueles três jovens, como já fez em minha vida e nas suas, ele deve estar provendo algo substancial a que nos possamos ape-

gar. Pensemos nesta declaração de Pedro, freqüentemente citada: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo” (Mateus 16:16), e na de Tomé: “Vamos nós também, para morrermos com ele” (João 11:16). Gosto muito do espírito que estas escrituras nos transmitem.

E pensamos no Profeta Joseph e Hyrum, e em Willard Richards, John Taylor e outros, cuja vida estava por um fio. Willard Richards disse ao Profeta: “Joseph, se você for condenado a morrer, eu morrerei em seu lugar.”

Joseph respondeu, sabendo algo que muitas pessoas desconheciam naquela ocasião: “Mas Willard, você não pode fazer isso.”

Willard então insistiu: “Sim Joseph, mas o farei.” (Ver *A Igreja Restaurada*, p. 190.)

Estes fatos nos ajudam a compreender a espécie de homens que se achavam engajados no serviço do Mestre, e nos auxiliam a entender o que ele fará de nós, se assim permitirmos.

Jesus é realmente nosso Criador.

Quando o Salvador começou a ensinar certas doutrinas extremamente rigorosas, os discípulos começaram a afastar-se do Mestre de dois em dois e não mais andavam com ele. Finalmente todos haviam partido, com exceção dos Doze Apóstolos. Então Jesus disse-lhes, provavelmente com o coração amargurado: “Quereis vós também retirar-vos?” E Pedro respondeu: “Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras de vida eterna. E nós já temos crido e bem sabemos que tu és o Santo de Deus” (João 6:67-69.)

O que acham disto? A quem iremos senão a ele? A que parte do mundo? Em quem poderemos depositar confiança? Onde encontraremos a paz que excede todo o entendimento? Aonde

iremos, quando já não tivermos mais para onde ir? Quando nos encontrarmos diante de uma montanha cujo porte e altura é grande demais, a quem podemos apelar quando precisarmos chegar ao outro lado, senão a ele?

Pois bem, acho que devemos pensar como essas coisas nos afetam. Se desejamos caminhar ao lado do Senhor, devemos viver uma vida semelhante à dele. O Presidente Harold B. Lee declarou: “Certa noite, há alguns anos atrás, quando já me havia recolhido ao leito, conscientizei-me de que, para ser digno da elevada posição a que fora chamado, deveria amar e perdoar toda alma que caminhava sobre a terra, e naquela ocasião eu soube, e recebi uma paz e orientação, um conforto e inspiração que me revelaram coisas futuras, e deram-me impressões que eu sabia serem provenientes de uma fonte divina.” (*Improvement Era*, novembro de 1946, p. 760.)

Fico imaginando se naquela hora ele não soube que seria um profeta, vidente e revelador desta Igreja. Também acho, como ele, que devemos amar e perdoar a toda alma que existe sobre a face da terra — um filho rebelde, um marido, uma esposa, talvez até mesmo um ex-companheiro divorciado, ou quem sabe alguém que nos ofendeu gravemente. Se quisermos viver com Cristo, devemos amar e perdoar a toda alma vivente. Só assim estaremos aptos a receber a espécie de paz de que falam as escrituras.

O Élder James E. Talmage declarou que cada pessoa que aceita a Jesus Cristo, e ele crucificado, tem de pagar idêntico preço. O custo é eterno e imutável - simplesmente, devemos dar tudo o que temos. Se desejamos ser realmente seus discípulos, o preço que teremos

“Certa noite, há alguns anos atrás, quando já me havia recolhido ao leito, conscientizei-me de que, para ser digno da elevada posição a que fora chamado, deveria amar e perdoar a toda alma que caminhava sobre a terra.” Harold B. Lee.

de pagar nunca será menos do que tudo o que temos. Alguns de nós talvez diriam: “Farei somente isto. É tudo o que possa dar.” Com tal atitude, creio que jamais nos qualificaríamos a ser verdadeiros discípulos do Mestre.

Ouçam o que diz um profeta moderno, o Presidente Spencer W. Kimball: “Vinde ao jardim orvalhado, à sombra de belas árvores, à verdade imutável.

Vinde conosco à certeza, à segurança, a coerência: Aqui correm as águas

refrescantes, e a fonte não seca.

“Vinde escutar a voz de um profeta e ouvir a palavra de Deus. (“Vozes do Passado, do Presente e do Futuro”, *A Liahona*, outubro de 1971. p. 20.)

Este é o caminho que devemos seguir. Precisamos chegar ao ponto de conhecê-lo bem, e de saber que ele é o Capitão de nossas almas. Se conseguirmos aceitá-lo e banir o orgulho de nosso coração, e servir aos nossos semelhantes, estaremos seguindo os passos de Jesus.

“Buscai-me em todo pensamento”; disse o Salvador, “não duvideis, não temais.”

“Vede as chagas que penetraram o meu lado, e também as impressões dos pregos em minhas mãos e pés; sede fiéis, guardai os meus mandamentos, e herdareis o reino dos céus. Amém.” (D&C 6:36-37.)

NOVE NOVOS TEMPLOS SUD PARA CINCO CONTINENTES

Planos para construir nove novos templos nos Estados Unidos, América Latina, Ásia, África e Europa foram anunciados no dia 1º de abril de 1981 pela Primeira Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Os novos templos, quando terminados, alcançarão um total de 37 em funcionamento no mundo todo. A decisão de construir 21 templos surgiu durante a administração do Presidente Spencer W. Kimball, líder mundial da Igreja, que ocupa essa posição há sete anos.

O Presidente Kimball disse que os novos templos serão construídos em *Chicago*, Illinois; *Dallas*, Texas, nos Estados Unidos, *Cidade da Guatemala*, Guatemala; *Lima*, Peru; *Frankfurt*, Alemanha; *Estocolmo*, Dinamarca; *Seul*, Coreia; *Manila*, Filipinas e *Joanesburgo*, África do Sul.

Os planos para os templos foram anunciados numa conferência para a imprensa na manhã de primeiro de abril na Praça do Templo de Lago Salgado, local do maior, mais conhecido e um dos mais antigos templos da Igreja.

O Presidente disse que alguns dos terrenos já foram adquiridos e a construção de cada um dos templos terá início tão logo os respectivos planos de trabalho estejam completados e obtida a licen-

ça de construção.

Ao fazer este anúncio, o Presidente Kimball disse: “Estamos felizes de poder proporcionar aos nossos membros acesso conveniente aos templos, pois muitos precisam viajar grandes distâncias dependendo muito tempo e dinheiro para participar das importantes e sagradas ordenanças do templo.”

A Igreja vê a família como uma divina instituição. O acesso aos templos para os santos dos últimos dias é essencial para sua completa participação nos programas que são básicos para uma das principais missões da Igreja: a eterna preservação das relações familiares.

O casamento no templo e as sagradas ordenanças realizadas somente dentro das paredes destes edifícios especiais contribuem para o cumprimento desses propósitos básicos.

A Igreja atualmente tem 19 templos em funcionamento, incluindo 13 nos Estados Unidos, 1 no Canadá, Nova Zelândia, Inglaterra, Suíça, Brasil e Japão. Outros em construção no México, Samoa, Tonga, Taiti, Utah e Geórgia. Muito em breve será iniciada a construção dos templos na Austrália, Argentina e Chile já previamente anunciados.

DESASTRE DE TREM!

O Evangelho em Ação na Tailândia
Carole Osborne Cole
Mediante consulta com a Junta Geral da Sociedade de Socorro.



Yupha Thubthimtong olhou horrorizada a cena que tinha diante de si. Naquele instante sua alma se encheu de medo, revolta e horror, e ela desejava estar longe dali e não fazer parte daquela tragédia, nem mesmo que fosse para ajudar. Diante dela estavam os destroços de um trem — o trem de passageiros de Ban Tong e outro de carga que rumava para o sul da Tailândia haviam colidido frontalmente perto da estação, provocando o descarrilamento do trem. Muitas pessoas morreram no acidente, e inúmeras outras estavam gravemente feridas, presas aos destroços.

Yupha, que era membro da Sociedade de Serviços Sociais da Tailândia, fora convocada para ajudar a retirar os feridos. Ao ser avisada, ela demorou apenas o suficiente para vestir o uniforme azul da Sociedade, rumando apressadamente para o local da tragédia. Mas ela não estava preparada para a cena terrível que iria presenciar. Sentindo alguma hesitação, ouviu “um suave murmúrio” que parecia dizer-lhe: “Você é um santo dos últimos dias, e deve deixar sua luz brilhar, para que o mundo a veja. Você tem que ser forte, paciente e corajosa e auxiliar essas pessoas.” Fortalecida e revigorada por aquela voz, ela respirou fundo e iniciou a desagradável tarefa de retirar corpos dos destroços e preparar os feridos para serem levados ao hospital.

Embora a área inteira parecesse coberta de sangue e um desagradável odor enchesse o ar, Yupha trabalhou resolutamente, e não demorou muito para encontrar uma mulher quase esmagada sob um pesado tambor de gasolina. Yupha correu para ajudá-la, e quando chegou mais perto, viu que a mulher estava grávida, quase na época

de dar à luz. Quando o pesado tambor foi levantado, a criança nasceu. Aturdida, Yupha pediu desculpas e, deixando a mulher aos cuidados de outros, procurou afastar-se do lugar, pois precisava descansar um pouco para refazer as forças.

Tateando cegamente em busca de um lugar onde pudesse acalmar-se, de súbito encontrou uma mulher que brandia furiosamente uma vara em sua direção, dizendo: — Meus filhos estão mortos por sua causa! Veja a destruição que seu descuido e negligência causaram! — Yupha afastou-se, procurando fugir da agressão, um tanto confusa com as acusações da mulher. A senhora estava revoltada, pois havia perdido dois filhos no desastre, e conseguira achar apenas um dos corpos. A pobre mãe, vendo o uniforme de Yupha, confundiu-a com algum empregado da ferrovia.

Com toda calma que conseguiu reunir, Yupha explicou que não trabalhava para a ferrovia, que estava ali apenas para ajudar. Três policiais, observando o incidente, advertiram a mulher furiosa de que seria presa, caso fizesse Yupha.

“O que eu faria, se estivesse no lugar dela?”, pensou Yupha. “Também não me deixaria tomar pelo desespero? “Então, voltando-se para o policial, disse: — Não, por favor, não lhe façam nada. Ela agiu assim por desespero. Tomado de surpresa, o policial protestou, dizendo que a mulher havia tentado feri-la, e poderia fazê-lo novamente.

— Não tenho medo, — respondeu ela. — Nosso Pai Celestial nos ensina que todos nós somos irmãos e irmãs; devemos amar-nos uns aos outros. Ela não me fará mal algum.

Um pouco indeciso, o policial liber-

tou a mulher e Yupha voltou novamente à horrenda tarefa. Aquele trabalho difícil e penoso durou mais algumas horas.

Depois de algum tempo, foi feita uma pesquisa entre as pessoas que estavam trabalhando no local, para ver se alguma delas tinha o sangue tipo "O". Uma garotinha estava prestes a ser operada, e o hospital esgotara sua reserva daquele tipo de sangue, e sem ele e a cirurgia, a criança certamente morreria. Yupha ofereceu-se como voluntária e foi até o hospital doar o precioso sangue. Ela nunca fizera aquilo, e, por estarem necessitando desesperadamente dele, tiraram-lhe mais que o normal. Um sentimento de urgência tomara conta do hospital e seus servidores. Não sabendo que devia descansar após a doação de sangue, Yupha retornou à cena do acidente.

No final da tarde, o pior do trabalho já estava feito e Yupha voltou seus pensamentos para os próprios filhos e suas necessidades. Aprontou-se a fim de voltar para casa; porém, antes de conseguir partir, um funcionário da ferrovia pediu aos voluntários que se reunissem no hospital onde Yupha havia doado sangue. O diretor queria vê-los para agradecer o que haviam feito.

O ministro da Saúde Pública também agradeceu aos voluntários e, enquanto eles conversaram, a mãe desesperada que estivera na estação entrou na sala, procurando alguém. Um médico que se encontrava com ela perguntou aos que se achavam presentes: — Está aqui uma senhora chamada Yupha? — Desejando saber quem a procurava, Yupha adiantou-se, meio relutante, identificando-se. Quando a viu, a mulher correu para ela e, abraçando-a, começou a chorar.

Yupha olhou para o médico, emocionada. — O sangue que você doou salvou a vida da filha desta mulher, — explicou ele, — e ela veio agradecer-lhe.

O rosto de Yupha mostrou sinais de alívio, quando a mulher chorosa expressou gratidão, e lhe disse: — Como você pode manter-se assim tão calma? Quando eu estava zangada, você manteve a serenidade. O que a faz ser assim?

A resposta de Yupha foi quase idêntica à que dera aos policiais poucas horas antes: — Minha igreja ensina que todos somos irmãos e irmãs, e que devemos amar-nos uns aos outros, não importa quem sejam as pessoas ou o que tenham feito.

Enquanto isso Dr. Martin, o ministro da Saúde Pública, apreciava a cena silenciosamente. Ele ficou muito impressionado com a resposta que Yupha deu à senhora desesperada, que agora se mostrava radiante.

Ele ocupava uma posição muito importante no governo, e anteriormente fizera parte do Departamento de Educação, o órgão federal que supervisionava diretamente o Departamento de Religião, o qual dificultava o visto de entrada dos missionários da Igreja. Sua reação foi deveras auspiciosa. Notando a bela maneira como Yupha reagiu à difícil situação, ele reconheceu os frutos do trabalho dos missionários mórmons, e prometeu que no futuro faria tudo o que estivesse ao seu alcance para afrouxar as restrições de visto.

Entrementes, a grata mulher insistiu para que Yupha lhe contasse mais alguma coisa a respeito da Igreja e de seus ensinamentos.

— Posso ir à sua igreja depois de assistir ao funeral de meu filho?

— Pode vir quando quiser, — convidou Yupha.

Finalmente terminou aquele dia movimentado, e Yupha voltou para casa, a fim de cuidar de seus próprios filhos, bastante exausta, mas animada com o conhecimento de que havia atendido à "suave voz" do Espírito e colocado sua fé em ação.



ELA COMPAR- TILHOU SUA POBREZA

Martha P. Taysom

Era um frio dia de inverno, quando bati à porta da Irmã Chandler. — Alô — chamei, abrindo um pouquinho a porta, para o caso de não ter ouvido as batidas. — Você ainda está dormindo?

A Irmã Chandler saiu lentamente da cozinha e veio atender-me. Ela era pequena e encurvada, e mancava um pouco ao andar. Seu longo vestido de algodão, como sempre, estava manchado de tanto carregar carvão para alimentar a estufa que requeria cuidado constante para manter a pequena casa aquecida. Os cabelos brancos, também sujos de carvão, emolduravam um rosto cansado, de setenta e nove

anos de aflições. Mas seu semblante era sereno, pois, desde que tivesse carvão suficiente para manter a casa aquecida durante o inverno e um pouco de alimento, considerava-se feliz.

Lembro-me de como fiquei abismada, quando soube pela primeira vez que ela se mantinha com uns parcos 59 dólares mensais. A casa tinha apenas dois cômodos. Um dos aposentos continha a estufa, uma cama de casal, um sofá desgastado e um camiseiro com as gavetas quebradas. No outro, a cozinha, havia um pequeno fogão, uma mesa e duas cadeiras, e uma prateleira na qual guardava alguns potes e panelas e sua parca reserva de mantimentos.

Quando nos encontramos pela primeira vez, ela não tinha água corrente nem banheiro.

Durante os anos em que meu marido serviu como seu mestre familiar, nós a visitávamos freqüentemente. Quando aparecíamos à noite, a casa invariavelmente estava às escuras. A única lâmpada existente era acesa quando batíamos à porta e desligada imediatamente depois de sairmos.

A Irmã Chandler filiara-se à Igreja, quando recém-casada — seu marido já era membro — e ela se lembrava do tempo em que não havia nenhum ramo ou estaca. Seu único contato com a Igreja era através de um ou dois missionários que passavam ocasionalmente por ali. Mas ela sempre permanecera fiel, e certa vez contou como seu testemunho a sustentara por ocasião do falecimento de duas filhas, ocorrido em 1918, durante a epidemia de gripe espanhola.

Nos poucos meses em que servi como presidente da Sociedade de Socorro, jamais a ouvi reclamar de sua situação, nem pedir qualquer auxílio da Igreja. Porém, nós a ajudávamos com algum alimento quando lhe faltava dinheiro, e perto do final do mês, cerca de uma semana antes de chegar seu cheque de aposentadoria, eu sempre procurava visitá-la para ver como estava passando.

Mas agora o olhar da Irmã Chandler brilhava, porque tinha uma visitante. — Entre, — disse ela. — Estou acabando de almoçar. Ela era tímida e sempre falava quase sussurrando.

— Não quero incomodá-la. Conversarei com a senhora enquanto almoça.

Tomei-a gentilmente pelo braço e dirigimo-nos lentamente para a cozinha. Ao passar pela cômoda, ela parou

para retirar alguma coisa da gaveta superior. Dei uma rápida olhada no que consistia seu almoço! resumia-se apenas em um pouco de farinha e água, do que ela havia feito um pirão branco, e nada mais.

— Irmã Chandler, isto é tudo o que a senhora tem para comer?

— Sim, é tudo, mas não importa. Meu cheque chegará dentro de um ou dois dias. Por favor, leve isto para o bispo, — acrescentou, colocando um amassado envelope de dízimo em minha mão. Os mestres familiares estão atrasados este mês, e não posso ir à igreja sozinha. É o meu dízimo. Por favor, entregue-o por mim.

Fiquei olhando abismada o envelope cinzento. Cada fibra de meu ser desejava gritar: — Não. O Senhor não espera que *você* pague o dízimo! — Mas uma voz suave dentro de mim murmurou: — Não negue a esta alma o direito de receber suas bênçãos.

Sufoquei corajosamente o pranto, ao despedir-me depressa e sair correndo em busca de alguns mantimentos para ela.

A Irmã Chandler agora já se foi, mas sempre me lembrarei da grande lição de sacrifício e devotamento que ela me ensinou — para ela era mais fácil suportar a fome do que negligenciar suas obrigações para com o Senhor.

PREZADO ASSINANTE:

Mudou-se ou vai mudar-se?
AVISE-NOS IMEDIATAMENTE
A FIM DE NÃO FICAR SEM
SUA REVISTA.

Mande a informação para a Caixa
Postal 26023 - 01000

São Paulo

S.P.

tiv
taç
qu
su
In
da
niz
Ar
Ce
ca
lo
do
gru
Sã
JUL

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral do evangelho, respondidas para orientação, não como pronunciamento oficial da Igreja.



Irmão Dean Jarman, Diretor dos Seminários e Institutos de Religião da Área de Utah-Salt Lake.

Como posso fazer do Salvador meu conselheiro pessoal?

A pergunta sugere a crença de que existe um maravilhoso relacionamento com o Salvador, em que a pessoa sente sua proximidade, seu amor e orientação. Nessa espécie de relacionamento, os homens podem aconselhar-se com o Senhor e receber direção através de sua influência.

A pergunta mais freqüente é sobre como isso costuma acontecer... especialmente comigo. As escrituras nos ensinam muita coisa sobre o relacionamento que podemos ter com Jesus Cristo. É necessário entendermos que existe uma influên-

cia ou Espírito que emana de Cristo para cada indivíduo. Essa influência geralmente é chamada de Luz de Cristo, de o Espírito de Cristo, e outras vezes de a palavra do Senhor, (D&C 84:44-45). Essa influência proporciona orientação e esclarecimento.

O Senhor instruiu Joseph Smith, dizendo que “o Espírito dá luz a todo homem que vem ao mundo; e o Espírito alumia a todo homem no mundo que atende à sua voz” (D&C 84:46). Alguns denominam a Luz de Cristo de consciência da verdade. Isto é, existe algo dentro de cada indivíduo que provém de Cristo; é uma luz verdadeira ou consciência real. Quando a pessoa atende à verdadeira voz ou sensação que existe dentro dela, o Senhor promete que ocorrerá um esclarecimento espiritual ou, em outras palavras, um aumento de luz. Assim, ampliará seu entendimento do que é certo e passará a conhecer melhor a vontade de Cristo.

Freqüentemente, quando o indivíduo procura resolver determinado problema, confia exclusivamente em sua capacidade de raciocínio, ao considerar as alternativas e avaliar as possíveis conseqüências das decisões que irá tomar. Este é um pro-

cesso valioso, porém incompleto. A pessoa precisa também procurar ouvir os sentimentos mais verdadeiros que existem dentro de si mesma, os quais são a luz de Cristo. Existem muitas vozes que podem falar ao indivíduo, mas só uma delas é a verdadeira luz que existe em cada um de nós, e que provém de Cristo. Permitam-me ilustrar essa idéia com três exemplos.

Certa vez, um ex-missionário veio procurar-me em busca de conselho, querendo saber se devia ou não filiar-se a determinado grupo universitário naquela época de sua vida. Quando lhe perguntei o que pensava a respeito, ele sugeriu diversas idéias que pareciam indicar uma solução. Ao indagar o que realmente sentia no íntimo de seu ser, ele inicialmente pareceu meio embaraçado, depois sorriu e reconheceu que o que sentia era bem diferente do que a razão lhe sugeria.

Em outra ocasião, um rapaz foi procurar-me em meu escritório, e durante alguns momentos, falou negativamente e com criticismo sobre a Igreja, sugerindo diversas razões por que ela não poderia ser a Igreja do Senhor. Quando lhe pedi que analisasse profundamente o que sentia em sua alma, que examinasse sua consciência a respeito de se a Igreja era ou não a do Senhor, ele respondeu, depois de refletir um

pouco: “Sinto que ela é realmente a Igreja do Senhor.”

Outro indivíduo estava defendendo a nova moralidade, dizendo que um rapaz e uma moça devem ter liberdade de escolher como demonstrar o amor que sentem um pelo outro, baseados nas circunstâncias de cada situação, sem receio de sofrerem qualquer ação legal ou castigo, que não considerava válidos.

Respondi-lhe expondo o padrão de moralidade ditado por Deus, e com a verdade de que existe algo dentro de cada pessoa que provém do Senhor para ajudá-la a distinguir entre o bem e o mal. Quando o desafiei a olhar para dentro de si mesmo e ver qual dos padrões de moralidade era realmente o certo, ele respondeu, após refletir um pouco: “Sinto que o estabelecido por Deus é correto, e ele é bem diferente do que estive defendendo.”

O Profeta Mórmon escreveu que “o Espírito de Cristo é concedido a todos os homens, para que eles possam conhecer o que é bom e o que é mau...” (Morôni 7:16). Disse ainda que a maneira correta de julgar é estarmos aptos a discernir nossos próprios sentimentos, “porque tudo o que incita à prática do bem... é enviado pelo poder e dom de Cristo...” (Morôni 7:16.)

Esse ato de reflexão deve ser sincero e feito com real intenção. Mui-

tas vezes, a pessoa deixa de lado a influência do Senhor em troca do que julga ser mais atraente e racional no momento, ficando a vacilar entre dois pólos.

Se os sentimentos negativos foram sua verdadeira fonte de inspiração, eles continuarão a ser sentidos, caso a pessoa realmente deseje saber que atitude deve tomar.

Certa ocasião, uma jovem procurava decidir se devia ou não casar-se com certo rapaz; estava confusa, pois havia ocasiões em que sentia dúvidas e estava incerta de seus sentimentos, e em outras desejava ardentemente casar-se com ele. Quando estavam juntos, tudo parecia estar certo, mas quando se encontrava longe dele ou sozinha, as dúvidas e incertezas retornavam. Conversamos sobre diversos assuntos: a espécie de pessoa com quem ela desejava casar-se, a importância do elemento confiança no casamento, e por que havia momentos em que tudo parecia estar bem. Ao terminarmos nossa conversa, perguntei-lhe o que realmente achava que devia fazer. Depois de alguns momentos,

ela disse-me que sempre soubera que não era certo casar-se com ele, mas havia rejeitado aquele sentimento. A pessoa precisa seguir o conselho de Mórmon e buscar “diligentemente, na luz de Cristo, a fim de que possa diferenciar o bem do mal...” Ele então prometeu: “... e se vos apegardes a tudo o que for bom e não o condenardes, certamente sereis filhos de Cristo”. (Morôni 7-19.)

Ao desenvolvermos um relacionamento consultivo com Cristo, sigamos estes três passos muito simples: (1) reconhecer e crer que existe um sentimento dentro de nós que provém de Cristo; (2) considerar as alternativas; e (3) dar ouvido aos nossos sentimentos sinceros. Se a pessoa estiver em dúvida, então geralmente seria sábio não prosseguir. Quando o indivíduo segue a voz de sua verdadeira consciência, sentirá seu íntimo encher-se de alegria e paz. O velho adágio “ouça o que diz sua consciência” é realmente verdadeiro e bastante aplicável no aprendizado de discernir e seguir o conselho do Salvador.

Geralmente não obtemos uma resposta fácil para a maioria de nossos problemas. Cada indivíduo deve pensar, planejar, trabalhar e orar para obter a ajuda de que necessita e a coragem que precisa ter para superar seus problemas ou carregar sua cruz — seja qual for o peso do seu fardo. Os vencedores estabelecem metas realizáveis dia após dia. Seus planos consistem em coisas que podem ser feitas e não naquilo que não é realizável. Eles lembram que Deus não nos deu um espírito temeroso, mas o poder de amar e pôr em exercício uma mente saudável.



“E A VERDADE VOS LIBERTARÁ”

Pilatos disse a Jesus: “Que é a verdade?” (João 18:38.) Esta pergunta vem sendo um desafio para a humanidade há muitos séculos. Cada homem e mulher deve determinar a verdade para si próprio. Outra questão apropriada seria: onde podemos encontrá-la?

Gostaria de responder, contando uma história muito conhecida, da autoria de Russel Conwell, a respeito de um hectare de diamantes.

Ali Hafid, um antigo persa, era dono de muitas terras e possuía vastos campos férteis onde havia pomares e hortas. Além disso, tinha também muito dinheiro emprestado a juros. Sua família era adorável e

sentia-se feliz porque era rico, e rico porque era feliz.

Certo dia, um idoso sacerdote veio visitá-lo e lhe disse que, se tivesse um diamante do tamanho de seu polegar, poderia comprar uma dúzia de fazendas iguais às dele, e Ali Hafid perguntou: — Pode dizer-me onde encontrar tais diamantes?

O sacerdote disse: — Se você encontrar um rio que corre sobre um leito de areia branca, por entre elevadas montanhas, nessas areias você sempre encontrará diamantes.

— Pois bem, — disse Ali Hafid, — vou procurá-lo.

E assim dizendo, vendeu sua fa-



Élder James E. Faust
do Conselho dos Doze

zenda, juntou todo o dinheiro que tinha emprestado, deixou a família aos cuidados de um vizinho e saiu em busca de diamantes, viajando por muitos países.

O homem que comprou a fazenda dele certo dia levou seu camelo para beber água no rio que passava no fundo das terras, e quando o animal meteu o focinho nas águas rasas do regato, o sucessor de Ali Hafid notou um curioso brilho no meio da areia branca. Examinando o leito do rio, dele retirou uma pedra negra que tinha um extraordinário círculo de luz. Não demorou muito e o mesmo sacerdote foi visitar o sucessor de Ali Hafid e viu que

a estranha pedra que continha um círculo de luz era um diamante. Então ambos correram para o regato e remexendo febrilmente as areias brancas com os dedos, encontraram mais outras gemas preciosas. Assim foi descoberta a mina de diamante de Golconda, a mais rica do antigo Oriente Médio. Portanto, se Ali Hafid tivesse ficado em casa, procurado em seu próprio celeiro ou em qualquer outra parte de seus campos, em vez de viajar por terras estranhas, ele teria encontrado hectares de diamantes.

A busca da verdade, às vezes, é semelhante aos diamantes que Ali Hafid foi procurar. Muitas vezes não se encontra em terras distantes, mas bem perto de nós.

Sir Winston Churchill disse certa vez: “Os homens encontram a verdade acidentalmente, e na maioria das vezes não conseguem reconhecê-la.”

Um dos mais expressivos julgamentos legais da história foi o de Sócrates. A acusação levantada contra ele pelo tribunal era dupla: Primeiro, que ele era ateu, e não acreditava nos deuses de seu povo; e segundo, que estava “corrompendo a juventude”, no sentido de que induzia os jovens a inquirirem por si próprios quanto à sabedoria da sociedade ateniense. Sócrates foi condenado pela maioria do júri e sentenciado à morte por envenenamento.

Para encontrarem a verdade, os jovens da Igreja são encorajados por seus líderes a refletir e achar a

verdade por si mesmos. Eles são incentivados a ponderar, pesquisar e avaliar, chegando assim ao conhecimento da verdade orientados pela própria consciência, através do Espírito de Deus.

O Profeta Brigham Young declarou: “Tenho receio de que este povo tenha tal confiança em seus líderes, que o leve a não inquirir por si próprio a respeito de Deus, de perguntar se eles estão sendo guiados pelo Senhor. Temo que eles se acomodem numa segurança cega. Que todo homem e mulher saiba, através do sussurro do Espírito de Deus diretamente a ele próprio, se seus líderes estão trilhando ou não o caminho indicado por Deus.” (*Journal of Discourses*, Vol. 9, p. 150.) Desta forma, ninguém se equivocará.

O ato de pesquisar e inquirir é o meio de se obter o conhecimento de toda a verdade, seja ela de natureza espiritual, científica ou moral.

A restauração do evangelho e tudo o que ela significa para a humanidade ocorreu porque Joseph Smith, um rapaz de apenas 14 anos de idade, procurou conhecer a verdade, guiado por esta escritura: “Ora, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e não censura, e ser-lhe-á dada.” (Tiago 1:5.)

Muitos anos de experiência em tribunais de justiça ensinaram-me que a verdade, no sentido de se obter justiça, só pode ser alcançada por inquirição e pesquisa.

Os membros da Igreja são encorajados a procurar obter entendi-

mento nos melhores livros e através de todos os meios. “Pois, se houver qualquer coisa virtuosa, amável e louvável, nós a procuraremos” (Décima terceira Regra de Fé).

A rainha de Sabá, tendo conhecimento da fama de Salomão, foi visitá-lo para verificar se sua fabulosa sabedoria, sua grande riqueza e seu esplêndido palácio eram tão grandes quanto diziam. As escrituras contam que ela “veio prová-lo por enigmas”... (II Crônicas 9:1.) Salomão respondeu às suas perguntas e ela, satisfeita, disse: “Era verdade o que ouvi na minha terra acerca dos teus feitos e da tua sabedoria.” (II Crônicas 9:5.)

A principal questão que toda pessoa nascida na história do mundo sente, e que ela deve responder por si própria, é aquela de que falou Amuleque no Livro de Mórmon, quando diz: “E vimos que a grande questão que vos atormenta é se a palavra está no Filho de Deus ou se não haverá Cristo.” (Alma 34:5.)

Entretanto, algumas pessoas, em sua pesquisa, não estão buscando a verdade, mas entregando-se a inúteis discórdias, não desejando sinceramente aprender, mas discutir, demonstrar sua suposta erudição e causar contenda.

Paulo disse a Timóteo: “E rejeita as questões tolas e desassisadas, sabendo que geram contendas” (II Tim. 2:23.)

Considerando que cada um de nós tem livre arbítrio, em última análise somos capazes de decidir o que é inspirado pelo Senhor e discernir entre o que é certo ou errado,

falso ou verdadeiro. O Presidente J. Reuben Clark Jr. declarou:

“A Igreja saberá, pelo testemunho do Espírito Santo aos membros se as Autoridades Gerais, ao apresentarem seus pontos de vista, são ‘inspirados pelo Espírito Santo’; e no devido tempo tal conhecimento se manifestará.” Cada pessoa deve aceitar ou rejeitar os valores que produzirão sua felicidade.

Quando tivermos a tendência de formular a mesma questão de Pilatos: “O que é a verdade”? poderemos tirar proveito da sabedoria de Sir Francis Bacon, que declarou: “A verdade é constituída de três partes: Primeira, a inquirição, que é a busca da verdade; segunda, o conhecimento da verdade, que é a presença dela; e terceiro, a crença, que é o ato de desfrutá-la.”

O Presidente Harold B. Lee em muitas ocasiões aconselhou os líderes da Igreja a reservarem tempo para refletir e ponderar, para retirarem-se do mundo e fazerem uma avaliação de sua vida. Seria proveitoso se todos nós aplicássemos este sábio conselho.

A principal chave para obter o conhecimento da verdade se encontra na seção nove de Doutrina e Convênios, a qual promete que, se todo inquiridor estudar em sua mente, ele sentirá arder dentro de si o peito, sabendo com isto que é certo (Veja D&C 9:8.)

A reunião de diversos fatos pode ser útil e produtiva, mas a pessoa dotada de uma mente inquiridora não deve limitar-se a isso. “A verdade não consiste na insignificante

exatidão de detalhes, mas em transmitir uma impressão correta; e existem maneiras vagas de expressão que transmitem maiores verdades do que conseguem fatos concretos. Quando o salmista declarou: ‘Os meus olhos derramam rios de lágrimas, porque os homens não guardam a tua lei’ (Salmos 119:136), ele não afirmou apenas os fatos, mas sim a verdade mais profunda e verdadeira que eles.” (Henry Alford.)

Aqueles que sinceramente buscam, sob a influência do Espírito de Deus, desfrutarão não somente da companhia do Espírito, mas de outras pessoas que buscam a verdade. Thomas Carlyle declarou: “Sempre verifiquei que a verdade sincera da própria mente exerce certa atração sobre toda outra mente que ama sinceramente a verdade”.

Na busca individual da verdade, é valiosa a sabedoria que Shakespeare declarou em Hamlet: “Sê leal contigo mesmo, e assim como se segue a noite ao dia, não poderás ser falso com ninguém.” (*Hamlet*, Ato I, Cena 3.)

Não existe maior verdade que esta declarada pelo Salvador: “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 8:32), pois, continua o Mestre: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao pai senão por mim” (João 14:5). “Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz” (João 18:37.)

Todo aquele que procura aperfeiçoar-se, deve fazer uma sincera e humilde inquirição, para determinar se a verdade se encontra em seu coração, e também em sua mente e vida.



“**P**rezados irmãos e irmãs, meu discurso de hoje é sobre a amizade, e a história que vou contar é a respeito de como um menino e eu nos tornamos verdadeiros amigos. O nome desse menino é Matt. Eu costumava chamá-lo de “*Matt Pouca Sombra*” e ele ficava furioso e se punha a brigar comigo. Dávamos socos um no outro ou atirávamos pedras. Eu costumava bater nele só para me divertir ou para me vingar. Às vezes voltávamos para casa com um olho roxo ou com o nariz sangrando.

“Eu sempre procurava exhibir-me diante dele e provocar sua inveja. Quase sempre ele ficava zangado e procurava vingar-se de mim, mas eu vencia a maior parte das lutas. Havia ocasiões, porém, em que era ele quem me deixava com inveja, como certa vez em que ganhou uma bicicleta nova ou quando fazia passeios com sua família. Certa vez, convidou-me para participar de uma reunião chamada noite familiar. Foi naquele dia que comecei a

EU TROUXE MEU TERRÍVEL INIMIGO PARA A IGREJA

Shawn Bell e Matt Taylor

Havia dois meninos que eram vizinhos. Embora fossem da mesma idade, não se suportavam. Então, certo dia, tudo começou a mudar. Eis os testemunhos que recentemente prestaram na Ala Applewood, Estaca Arvada, Colorado, onde ambos são diáconos.



interessar-me pela Igreja, e logo fui batizado.

Esta história sobre meu vizinho Matt Taylor é verídica. Nós dois nos tornamos muito ativos na Igreja. Gostamos de escotismo e agora fazemos muitas coisas juntos, sem brigar. Sou muito grato por isto. Sou grato também por Matt ter-me trazido para a Igreja e espero que vocês possam trazer alguém para a Igreja, a fim de que essas pessoas venham a sentir o mesmo que eu.” (Shawn Bell).

“Prezados irmãos e irmãs, meu discurso de hoje é sobre a amizade que tenho com meu vizinho Shawn Bell, que a maioria de vocês conhece.

“Desde que ele se mudou para a casa vizinha, sempre houve algum problema entre nós. No primeiro dia em que o vi, ele jogou um brinquedo em mim e machucou-me o rosto, e por causa disso fiquei com duas cicatrizes, uma embaixo do nariz e outra em cima do olho esquerdo.

“Quando começamos a freqüentar o jardim da infância, eu ia na parte da manhã, e ele à tarde.

Quando ia para a escola, Shawn costumava esperar-me na rua para me bater. Eu voltava para casa com o nariz sangrando ou com o lábio machucado, e ele entrava na escola.

“Aos nove anos, fui batizado na Igreja. Foi nessa época que Shawn começou a freqüentar as reuniões comigo, e no mês de fevereiro deste ano, ele também foi batizado. Desde aí ele e eu vamos juntos para a igreja, agimos como irmãos e nos divertimos muito nas atividades de escotismo. O escotismo ajudou Shawn e eu a fazermos muitas coisas juntos sem qualquer problema.

“Este discurso é sobre o valor de uma boa amizade. Espero que vocês também possam trazer um de seus terríveis inimigos para a Igreja. Eu sei que a Igreja é verdadeira.” (Matt Taylor.)



UM TESTE SOBRE REPETIÇÕES NAS ESCRITURAS

John A. Tvedtnes

Muitos entendidos afirmam que a história sempre se repete. É uma idéia interessante por muitas razões, ainda mais quando nos damos conta de que, nas escrituras, há muitos exemplos de casos idênticos ou semelhantes ocorridos duas ou mais vezes.

Veja se consegue lembrar-se de dois ou mais exemplos registrados nas obras-padrão, para cada uma das ocorrências enumeradas.

Conhecendo um exemplo de cada caso, é sinal que já leu as escrituras — ou consegue recordar-se muito bem das aulas da Escola Dominical.

Se conseguir citar dois exemplos para cada caso mencionado, será que já pensou alguma vez em lecionar no seminário ou instituto?

Se não conseguir citar pelo menos cinco escrituras no total, seria bom pensar seriamente em ler as escrituras todos os dias.

I. Uma pequena porção de alimento transforma-se numa grande quantidade.

1. _____
2. _____
3. _____

II. As águas são separadas para dar passagem ao povo.

1. _____
2. _____
3. _____

III. Um rapaz já morto retorna à vida.

1. _____
2. _____
3. _____

IV. Um homem, para salvar a vida, diz que a esposa é sua irmã.

1. _____
2. _____
3. _____

V. A terra fica imersa em treva total durante três dias.

1. _____
2. _____
3. _____

VI. Uma coluna de luz aparece a um profeta.

1. _____
2. _____
3. _____

VII. Elias e Moisés voltam para confe-
rir chaves.

1. _____
2. _____
3. _____

VIII. Travessia de um oceano em busca
da terra prometida.

1. _____
2. _____
3. _____

IX. Forasteiros chegam ao Egito, fu-
gindo da fome.

1. _____
2. _____
3. _____

X. Um israelita chamado para inter-
pretar o sonho do rei, torna-se
conselheiro de um governo es-
trangeiro.

1. _____
2. _____
3. _____

XI. Uma visão e paralisia causam a
conversão de um descrente.

1. _____
2. _____
3. _____

**Respostas para o Teste de Repetições
nas Escrituras: É possível que existam
outros eventos escriturísticos com certa
semelhança aos aqui enumerados.**

I. Elias multiplica o óleo e a farinha da
viúva de Sarepta. (I Reis 17:10-16). Seu
sucessor, Eliseu, multiplica pão e espi-
gas para alimentar 100 homens. (II
Reis 4:42-44), praticamente da mesma
forma como Jesus multiplicou peixes e
pão para dar de comer a cinco mil.
(Mateus 14:13-21; Marcos 6:30-44; Lu-
cas 9:10-17; João 6:1-14.)

II. Isto aconteceu duas vezes na jorna-
da dos israelitas a Canaã: no Mar Ver-
melho (Êxodo 14:21-22) e no Jordão
(Josué 3, 4.)

III. Elias fez este milagre (I Reis 17:17-

24), como também seu sucessor Eliseu.
(II Reis 4:18-37.)

IV. Abraão por duas vezes salva sua vi-
da com esse recurso. (Gên. 12:10-20;
20:1-18) E seu filho Isaque seguiu o
exemplo. (Gên. 26:1-11.)

V. Uma das pragas do Egito, na época
do Êxodo (Êxodo 10:21-23). Houve
também três dias de trevas no Novo
Mundo, por ocasião da morte de Cris-
to (III Néfi 8:1; 10:9). As trevas no Ve-
lho Mundo, na mesma ocasião, dura-
ram apenas três horas. (Mateus 27:45;
Lucas 23:44-45.)

VI. A coluna de fogo que apareceu a
Moisés diversas vezes (Num. 9:15-17;
Êxodo 33:7-11 etc.) é o primeiro exem-
plo nas escrituras. Outras aparições de
uma coluna de fogo foram a Léhi (I
Néfi 1:6) e a Joseph Smith (Joseph
Smith 2:16, 17, 30, 43.)

VII. Isto aconteceu uma vez a Pedro,
Tiago e João, no Monte da Transfigu-
ração (Mateus 17:1-4), e uma vez a Jo-
seph Smith e Oliver Cowdery, no Tem-
plo de Kirtland (D&C 110:11, 13-16.)

VIII. Jared (Êter 6), Muleque (Ômni
14, 16; Mosiah 25:2) e Léhi (I Néfi 17,
18) atravessam um oceano para chegar
à terra prometida.

IX. Tanto Abraão (Gên. 12:8-9) como
seu neto Jacó (Gên. 42-43) foram for-
çados a fugir para o Egito em virtude
da fome.

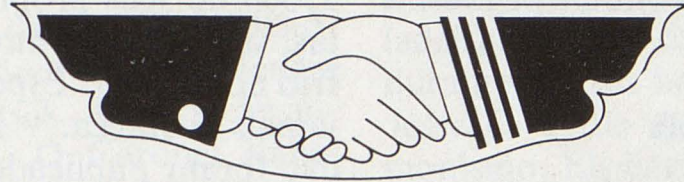
X. Isto aconteceu a José (Gên. 41) e a
Daniel (Daniel 2-4).

XI. Isto aconteceu a Alma, o Filho,
(Mosiah 27:10-32; Alma 36:6-10) e
também ao Rei Lamoni e sua rainha
(Alma 19:1-29; 36:6-10), bem como ao
pai de Lamoni e seus servos (Alma
22:17-26).

Veja maiores detalhes nas referências
indicadas.

AMIGOS NA HORA DA AFLIÇÃO

William G. Hartley



Durante 150 anos, a Igreja teve de navegar por águas bastante revoltas. As páginas de sua história relatam detalhadamente ocasiões em que os santos foram vítimas de motins e assassinatos, expulsos de suas terras e lares, ridicularizados pelos jornalistas e escritores, oprimidos por leis antimórmons e oficiais governamentais em nível local e nacional, além dos maus tratos que foram infligidos aos nossos missionários. Nossa herança de perseguições, todavia, não deve apagar de nossa memória as vezes em que não-membros dotados de bons princípios, amigáveis ou apenas neutros, se levantaram em nossa defesa, ou pelo menos tentaram considerar nosso caso com isenção de ânimo. Prestemos a devida homenagem a esses estranhos, lembrando as contribuições que fizeram a nossa causa.

Palmyra

Poucos habitantes da região co-

nheciam, ou até mesmo notavam a presença dos Smith. Não obstante, autores antimórmons da época quiseram difamar aquela nova e peculiar fé, apresentando declarações juramentadas feitas por membros daquela comunidade, tachando os Smith de inúteis e indolentes. Seus vizinhos, porém, que os conheciam melhor, tinham uma opinião bem diferente. Um deles, Orlando Saunders, saiu em defesa da família injuriada, declarando sob juramento:

“Conheci muito bem todos os membros da família Smith... O Pai era tanoeiro, fazia e consertava tonéis e barris; todos eles trabalharam muitas vezes para mim. Os Smith eram boa gente; o jovem Joe (como nos o chamávamos), também trabalhou para mim, e era um rapaz muito trabalhador; todos eles eram pessoas industriosas...

“Eles eram a melhor família das redondezas em caso de doença; um deles permaneceu em minha casa



durante quase o tempo todo quando meu pai morreu; sempre os considerei gente honesta. Eles me deviam algum dinheiro quando se mudaram daqui... Cerca de um ano depois, um deles voltou e pagou-me o que deviam.”¹

Sra. James K. Polk

Washington D.C., 1846.

Milhares de mórmons, mulheres e crianças, acamparam desamparados em território indígena, ao fugirem de Nauvoo. A miséria e fome eram companheiras constantes dos santos em suas tendas, carroções e cabanas rústicas. O clamor desses pobres sofredores ecoou na região leste dos Estados Unidos, e comoveu profundamente as pessoas mais prósperas que lá viviam. Quando a chamada “crise das batatas” causou fome e desolação em massa, na Irlanda, as famílias mais abastadas rapidamente levantaram fundos e alimentos para auxílio aos necessitados. Assim, quando os élderes mórmons, enviados ao Leste do país em busca de auxílio dos gentios, explicaram os problemas que atravessavam, as pessoas ricas da região realmente se compadeceram deles.

1. William H. Kelley, “The Hill Cumorah, and the Book of Mormon; the Smith Family... from Late Interviews”, *Saints Herald*, 1º de junho de 1881, p. 165.

Um Jornal de Washington, daquela época, o *Daily Union*, publicou este editorial: “A história dirá que o mesmo povo (que ajudou os irlandeses) expulsou de seus lares 15000 de seus próprios compatriotas, deixando-os morrer de fome e frio no deserto? Esperamos que isto jamais aconteça.”² Logo em seguida, foram publicados anúncios de chás beneficentes para prover ajuda aos santos. No dia 28 de outubro de 1846, de acordo com o relato de um jornal, foi realizado um chá beneficente com muito sucesso em Washington, ao qual compareceram muitas pessoas de destaque.

“No momento, basta dizer que senhoras de todas as denominações religiosas, por toda parte da cidade, lideradas pelo prefeito e o clero, puseram coração e mãos à obra. A venerável senhora do ex-Presidente Madison, a senhora do Presidente James K. Polk, a Sra. General Maccomb e muitas outras pessoas influentes e altamente respeitadas de nossa metrópole, uniram-se nesse empreendimento beneficente.

Os convidados pagaram 50 centavos por bilhete, que lhes dava o direito de ouvir a banda da Marinha e um conjunto vocal popular, os quais ofereceram voluntariamente seus serviços. Diversas pessoas da cidade transformaram seus lares em pontos de coleta de roupas e dinhei-



ro para ajudar os refugiados mórmons.

Coronel Thomas L. Kane

Filadélfia, 1850.

Os membros da Sociedade Histórica da Pensilvânia fizeram silêncio quando Thomas L. Kane se levantou para falar. O Coronel Kane, filho de um renomado juiz e membro de uma família muito respeitada da Pensilvânia, apresentou-lhes um relato formal das experiências vividas no Oeste, entre os refugiados de Nauvoo. Ele descreveu eloqüentemente o êxodo dos santos, a pobreza e condições difíceis em que se encontravam, sua pronta resposta à convocação governamental de formarem o Batalhão Mórmon, e dos esforços iniciais que aquele povo estava realizando em Utah.

A palestra foi tão aplaudida, que o Coronel Kane, a pedido de um élder mórmon, a publicou num excelente livro de 84 páginas, intitulado *Os Mórmons*. A família Kane financiou duas edições de 1000 exemplares cada, e enviou um volume da obra para cada senador dos Estados Unidos, para a maior parte dos deputados federais, ao Presidente da República, além de chefes de departamentos e outras pessoas influen-

tes.

Por que essa preocupação com a causa dos santos? O Coronel Kane começou a interessar-se por ela quatro anos antes, quando assistiu a uma conferência da Igreja em Filadélfia, depois da qual conversou durante quatro horas com o Élder Jesse C. Little a respeito do mormonismo. Ele então escreveu cartas de apresentação para ajudar o Élder Little em Washington D.C., e posteriormente seguiu para o Oeste com ele, a fim de visitar os campos de refugiados mórmons. Perto de um deles, casualmente ouviu um dos santos proferindo sincera e secreta oração. Ao escutá-la, seus olhos se encheram de lágrimas, e ele disse ao Élder Little: “Estou convencido de que seu povo é solene e terrivelmente sincero.”

Quando se encontrava visitando os acampamentos, ele ficou gravemente enfermo. Tratado com todo carinho pelos santos, conseguiu restabelecer-se, mas não sem antes presenciar mais alguns fatos da vida diária dos santos. Ao voltar para o Leste, parou para visitar a cidade de Nauvoo, nessa época quase deserta. Chegando em Albany, Nova Iorque, sua enfermidade quase o matou. Temendo falecer, instruiu seu pai, que era um juiz, a jamais permitir que o governo federal fizesse mal algum aos santos, se estivesse em condições de evitá-lo. O

2. *Daily Union* (Washington D.C.), 27 de outubro de 1847; editorial transcrito no *The Millennial Star*, 9 (1847), p. 365.



coronel conseguiu sobreviver, e então transmitiu esse conhecimento aos membros da sociedade histórica.

Quando o discurso do Coronel Kane foi publicado, alguns críticos disseram que ele parecia nutrir simpatia excessiva pelos mórmons. Tendo os críticos em mente, ele inseriu um prefácio na segunda edição de seu livro "*Os Mórmons*", para reforçar suas conclusões pessoais, e que dizia:

"Fiquei aborrecido com os comentários que meu discurso provocou. Alguns amigos bem intencionados procuraram até mesmo induzir-me a abrandar minhas observações em favor dos mórmons, para que fossem mais facilmente aceitas. A única coisa que posso fazer é torná-las mais explícitas. A verdade deve brilhar por si mesma. Pretendo não somente negar que os padrões morais dos mórmons de forma alguma ficam abaixo dos nossos, como fazer com que entendam perfeitamente que considero aqueles com quem convivi no Oeste, pessoas geralmente dotadas de um comportamento correto e de uma pureza de caráter muito acima das encontradas nas outras comunidades que conhecemos."

Durante toda a sua vida, o Coronel Kane foi a "sentinela da Igreja no Leste". Ele aconselhou os líde-

res da Igreja em questões políticas junto ao governo federal. Certa vez, por sua própria iniciativa, viajou de Utah a Washington, via Panamá, para servir de mediador entre os mórmons e a milícia federal que o Presidente James Buchanan tinha enviado contra eles. Em 1873, visitou novamente o Território de Utah, desta vez com sua esposa. Quando eles acompanhavam o Presidente Young numa longa viagem ao sul, através de dezenas de povoações mórmons, a Senhora Kane escreveu suas mais sinceras impressões em cartas dirigidas a seus pais e no seu diário. Em 1874, seu pai publicou um livro baseado nas anotações que ela fez em Utah, intitulado "*Doze Lares Mórmons*", com a intenção de captar a simpatia do povo para a causa dos santos, que naquela época eram tratados com hostilidade pelo Congresso, através de severas legislações federais."³

Charles Dickens

Liverpool, 1863

Milhares de leitores ingleses liam regularmente a revista "*All the Year Round*", publicada pelo famoso escritor e jornalista Charles Dickens. Em 1863, ele proporcionou aos seus leitores sua primeira

3. Elizabeth Wood Kane, *Twelve Mormon Homes* (Philadelphia: Willian Wood, 1874).



“cobertura” jornalística da partida das docas de Liverpool do gigantesco navio “Amazon”⁴, com uma grande leva de emigrantes. Sabendo que uma companhia mórmon estava embarcando no navio, ele acompanhou-a “para prestar seu testemunho contra eles, caso o merecessem, e acreditava piamente que mereceriam”.

Dickens confessou a seus leitores que ficou surpreso com o que lá encontrou. “Nenhum deles é dotado de mau gênio, ninguém tem o hábito de beber, ninguém profere imprecisões, nem fala nomes feios.” Comparados com outros emigrantes que tivera oportunidade de observar “essas pessoas são de natureza tão diferente”, que ele escreveu uma longa crônica sobre os santos. “Quando embarcados há menos de duas horas, já tinham organizado turnos de vigília para todas as escotilhas. Antes das nove horas, a embarcação estava em completa ordem e tão silenciosa quanto um navio de guerra,” concluía ele. “Creio que seria difícil encontrar oitocentas pessoas juntas em qualquer outra parte, e ver tanta beleza, tanto vigor e capacidade para o trabalho.” Como nota ao pé da página, Dickens relatou como o Comitê

de Seleção da Câmara dos Comuns da Inglaterra, em 1854 chegou à conclusão de que nenhum navio sujeito ao Regulamento de Passageiros Ingleses dispunha de tanto conforto e segurança como os que se encontravam sob as ordens dos agentes de emigração mórmons.

General Alexander Doniphan

O Tabernáculo, 1874

A Primeira Presidência foi informada de que um líder de milícia do Missouri, da época das perseguições aos mórmons, estava chegando a Utah. Naquele mesmo dia, o Élder George A. Smith, conselheiro do Presidente Young, prestou homenagem ao ilustre visitante numa reunião geral da Igreja, realizada no Tabernáculo.⁵ A seguir, a Primeira Presidência levou o General Alexander Doniphan em trem especial até Provo, Utah, para mostrar-lhe a região e oferecer-lhe um sumptuoso banquete. Por que ele foi alvo de tratamento tão especial? O Élder Smith deu a resposta num sermão proferido no tabernáculo:

“Durante a longa jornada de perseguições que a Igreja sofreu, ocasionalmente apareceram pessoas que eram como estrelas de primeira grandeza na defesa de nossos

4. Citado por B. H. Roberts, em *A Comprehensive History of the Church*, Vol. 5, pp. 91-93.

5. Sermão proferido por George Albert Smith, em 24 de maio de 1874, *Journal of Discourses*, Vol. 17, pp. 90-92.



direitos, que se mostraram dispostas, apesar da impopularidade que poderiam atrair sobre si, a protestar publicamente contra a violência da turba, os assassinatos, abusos, destruição de propriedades e violação dos direitos constitucionais, mesmo quando as pessoas que estão sendo prejudicadas... têm o nome impopular de 'mórmons.'”

No Missouri o General Doniphan provou ser essa “estrela de primeira grandeza”.⁶ Ele serviu como advogado da Igreja durante a maior parte do período missuriano. Quando eleito deputado federal, ajudou a criar dois grandes condados na região norte do país, como locais de refúgio para os santos. Posteriormente, como líder de milícia, recusou-se a obedecer à famosa ordem de morte a Joseph Smith emitida pelo General Lucas, com esta advertência:

“Seria assassinio a sangue frio. Não obedecerei a vossas ordens. Minha brigada marchará em direção a Liberty amanhã de manhã às oito horas, e, se executardes estes homens, haverei de, com a ajuda de Deus, responsabilizar-vos perante um tribunal terreno.”⁷ (*A Igreja*

Restaurada, p. 143.)

Hubert Howe Bancroft

Na mesma década em que dois élderes mórmons foram mortos pelo populacho em Cane Creek, Tennessee, também foi publicada a primeira história imparcial a respeito de nosso povo por um renomado escritor não-mórmon. Hubert Howe Bancroft, de quem a Biblioteca Bancroft da Universidade da Califórnia em Berkeley recebeu o nome, desejava escrever a história de muitos estados do Oeste, inclusive de Utah. Por isso, ele e seus assistentes passaram diversos anos coligindo “pilhas” de informações a respeito daquela parte do país, e obtiveram relatos detalhados da história de Utah de historiadores da Igreja; em 1889, Bancroft publicou seu livro a respeito dela. A obra foi considerada “a melhor e mais imparcial história de Utah escrita durante o século dezenove”, e de algum modo serviu como uma apologia e defesa aos santos.⁸

Depois que Utah finalmente se tornou um estado, em 1896, terminaram as turbas antimórmons, exceto por alguns distúrbios ocasionais. No início do século, os Estados Unidos geralmente ignoravam

6. Gregory P. Maynard, “Alexander William Doniphan, the Forgotten Man from Missouri”, (Tese de Mestrado na BYU, 1973), pp. 27-45.

7. Joseph Smith Jr. *History of the Church*, Vol. 3, pp. 190-91.

8. Edward Dicey, “Religion in América”, *McMillan's Magazine*, 15 de março de 1867, p. 447.



os mórmons, ou na melhor das hipóteses, os consideravam pessoas excêntricas. Então, quando mais e mais santos quebraram o isolamento que haviam mantido em Utah, e passaram a destacar-se como políticos, comerciantes e educadores, o mormonismo não somente passou a ser tolerado, como também visto com admiração.

Thomas Nixon Carver

Um dos melhores representantes dessa opinião favorável foi um sociólogo de Harvard, Thomas Nixon Carver. Quando assistia a uma conferência geral realizada no dia 6 de abril de 1922, para sua surpresa foi chamado a falar do púlpito, diante de uma grande congregação. Ele respondeu, dizendo aos santos que estudara diversas comunidades mórmons, “e tanto nas pequenas como nas grandes, constatei operando a ciência e arte da ação comunitária, que é como edificar um país em pequena escala, e tudo o que vi me causou a mais profunda admiração.”

Em outra ocasião, ele declarou: Nunca encontrei hábitos pessoais mais puros e sadios que entre os mórmons. Nunca encontrei um povo que demonstrasse tão poucos sinais de vida dissipada. Nunca estudei grupos de pessoas tão bem nutridas e saudáveis. Jamais conheci

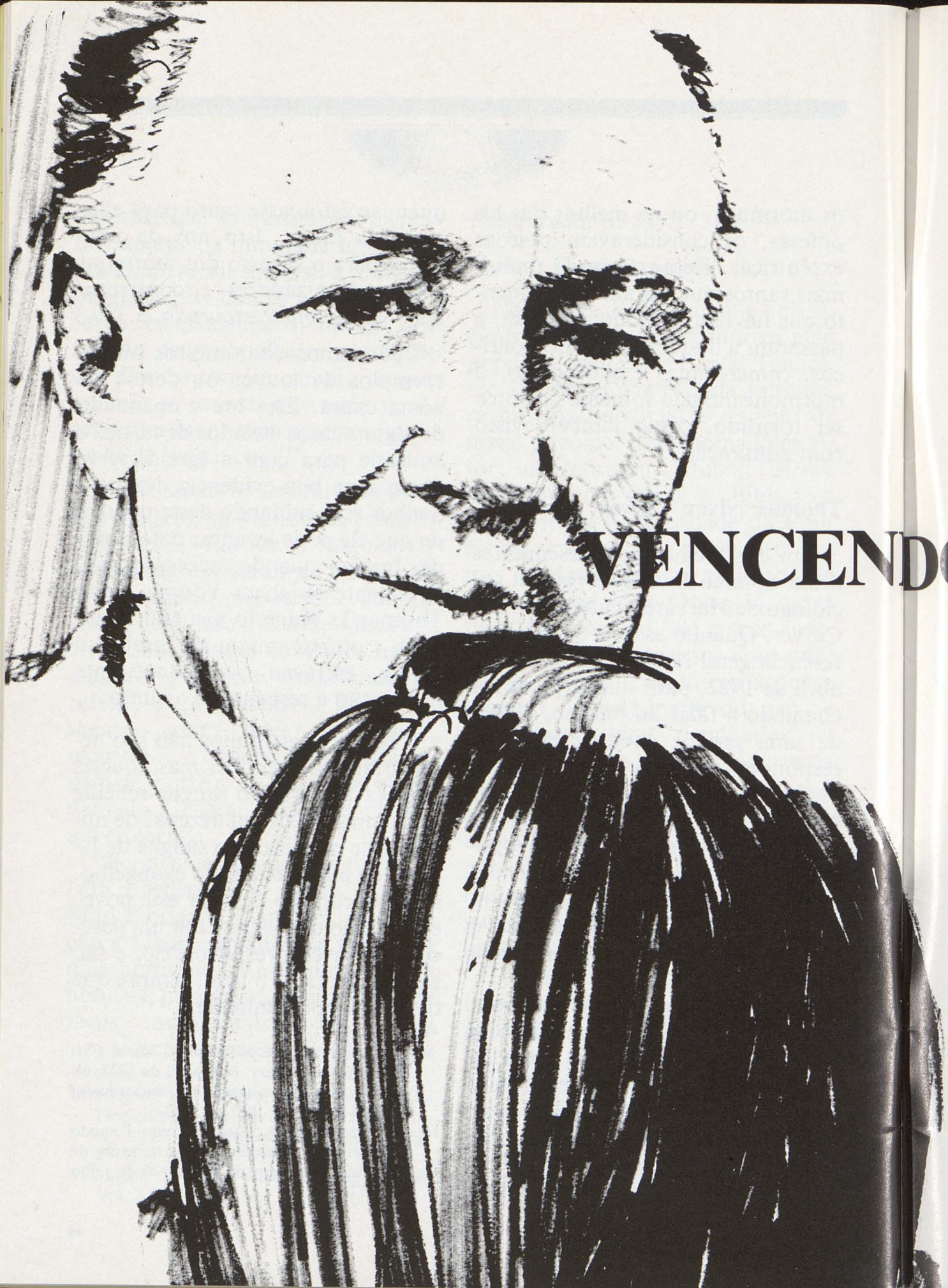
quem se esforçasse tanto para educar seus filhos. Isto nos dá uma chave para o sucesso dos mórmons como colonizadores e construtores.”⁹ (*A Igreja Restaurada*, p.339.)

Poderíamos citar muitos outros exemplos de louvor ou defesa da nossa causa. Este breve apanhado de alguns casos isolados de justiça e amizade para com a Igreja, serve como uma boa evidência de que o Senhor está cuidando deste povo, e de que ele pode levantar defensores da Igreja, quando necessário. O Presidente Brigham Young, tendo Thomas L. Kane, o General Doniphan e outros amigos da Igreja em mente, escreveu esta interessante explicação a respeito do assunto:

“Todos os estranhos não são necessariamente gentios; mas aqueles que fazem parte do sangue rebelde são gentios. Existem dezenas de milhares de membros do sangue de Israel que não aceitarão o evangelho, nem procurarão destruir este povo, e que estão dispostos a dar um parecer favorável a respeito dele, e são capazes de fazer o bem, sempre que tiverem a oportunidade.”¹⁰

9. Discurso proferido por Thomas Nixon Carver, *Journal History*, 6 de abril de 1922; algumas citações publicadas no *Improvement Era*, 34 (junho de 1931, p. 504).

10. Atas das Reuniões de Bispos com o Bispo Presidente, manuscrito, Departamento de Arquivos Históricos da Igreja, 26 de julho de 1877.



VENCENDO

Eu tinha um amigo que pouco tempo atrás passou cerca de hora e meia falando-me a respeito de sua esposa, que há alguns anos cometeu um grave erro, e que agora vive a lamentá-lo. Com isto, ela perdeu todo o seu propósito e alegria na vida, e até mesmo tentou cometer suicídio. Todo o seu magnífico potencial humano ficou estagnado e isto é uma tragédia para ela e sua família. Como se não bastasse sentir-se tão infeliz, ela torna a vida de seus amigos e do marido quase insuportável.

Dizem os historiadores que não se pode vencer uma batalha combatendo em duas frentes, pois assim é quase certo sermos vencidos. Descobri, também, que não podemos travar pessoalmente duas batalhas simultâneas na vida — uma de ordem ínti-

ENDO NOSSOS ENGANOS

Lowell L. Bennion

ma e outra de natureza externa. E quem luta menos contra si mesmo está melhor preparado para combater a luta externa, pois esta, de fato, é uma batalha contínua. Para desfrutar melhor a vida, é necessário reconhecermos que ela é uma batalha e que sempre haverá problemas. Sempre haverá desapontamentos, por isso precisamos aprender a desfrutar mais o sabor da batalha do que a vitória final.

Todos estamos sujeitos a cometer enganos, e alguns de natureza bastante grave. Toda pessoa consciente costuma sentir-se frustrada, devido a seus pecados ou fraquezas morais. Se existirem mais alguns pecadores na Igreja, além de mim mesmo, pois agora estou falando a vocês, gostaria de sugerir o que fazer para apagar nossos fracassos passados, para que eles não nos imobilizem na vida presente, nem na batalha exterior que somos forçados a travar.

Eis aqui algumas sugestões a respeito do que podemos fazer para sobrepujar nosso sentimento de frustração, a mágoa de haver-mos errado e aprender a viver o presente com toda nossa energia, sem arrastar conosco os fracassos do passado.

Ninguém fica limpo espojando-se na lama. Ninguém se torna puro e íntegro mergulhando indevidamente no passado, embora é certo que podemos aprender alguma coisa com nossos enganos. Aprendi que a fraqueza não nos proporciona vigor algum; que não existe vitalidade no pecado, e que não conseguimos vencer nossas faltas e enganos combatendo-os diretamente. Creio que, se passarmos muito tempo pensando em nossas faltas, seremos esmagados pelo peso delas.

A segunda sugestão que tenho é que devemos conscientizar-nos de que não importa o que tenhamos feito na vida, nem o que ainda façamos, Deus e Cristo ainda nos amam tanto como antes de termos caído. Deus e Cristo não se afastam do pecador, do transgressor.

Lembro-me de um missionário que havia recentemente voltado da missão, e que veio falar comigo quando me encontrava no Instituto de Religião. Ele cometera um grave erro, que o levou a pensar que sua vida estava irremediavelmente arruinada. Eu lhe disse: "Deus o ama tanto hoje como na última quinta-feira", mas ele não conseguia acreditar no que eu dizia. Nunca havia pensado naquilo e chorou como uma criança. Vocês sabem, muitas vezes pensamos que Deus nos ama apenas quando fazemos o que lhe agrada, desde que sejamos bons rapazes e moças, bons homens e mulheres. Não podemos fazer nada para ganhar o amor de Deus. Ele não é merecido, e quando isso acontece, é por uma questão de justiça, reciprocidade e recompensa. O amor só pode emanar de um coração amoroso, e o amor de Deus é incondicional. Creio que ele ama com a mesma intensidade o bom e o mau. É verdade que o fazemos sofrer quando cometemos alguma falta, quando ele nota que levamos uma vida destrutiva e quando vê que magoamos outras pessoas — isto certamente o faz sofrer.

Pais, quando vocês estão aborrecidos com seus filhos, vocês não os amam menos por isto; e quando eles se metem em dificuldades vocês não ficam menos ansiosos de ajudá-los. Esse fato realmente faz com que os amem mais. Agora posso entender por que Jesus disse, quando o pastor saiu em busca da ovelha desgarrada e a trouxe de

volta, que havia mais júbilo nos céus por aquela ovelha que estivera perdida, do que pelas noventa e nove que se encontravam seguras no aprisco.

Certa vez, um de nossos filhos ficou gravemente enfermo e em perigo de vida, enquanto os demais estavam bem de saúde.

Nós demonstramos todo o nosso amor por aquela criança que estava doente; alegramo-nos muito quando ela se recuperou, muito mais do que com as outras que estavam bem. Naquele instante, o restabelecimento dela parecia ser a coisa mais importante de nossa vida. Creio que provavelmente é assim que Cristo e Deus sentem quando uma pessoa que cometeu alguma falta volta ao caminho certo. Mesmo antes de ela retornar, Deus já a perdoou, quer esteja arrependida ou não. Ele nos ensinou que devemos perdoar aos nossos semelhantes, e não que devemos fazê-lo quando se arrependem. Ele diz que devemos perdoar setenta vezes sete. Não creio que Deus nos exigiria misericórdia, se ele mesmo não fosse misericordioso. Creio, de alguma forma, que ele também rege sua vida pelos princípios do evangelho. Portanto, a razão que temos para nos arrepender é estar aptos a perdoar a nós mesmos, e ser capazes de ficar em harmonia com os princípios e leis de uma vivência correta. Não precisamos arrepender-nos para sermos dignos do amor de Deus, embora as escrituras digam que ele se ofende muito com o pecador, e outras nos ensinam que ele se ofende com o pecado, mas não com o transgressor.

Outra maneira de sobrepujar o passado é reparar os erros que cometemos. Sabemos perfeitamente quando fazemos algo errado, mas às vezes temos medo de nos dirigir àqueles a quem ofendemos. Somos orgulhosos demais para admitir nossas falhas. Porém, quando temos coragem de fazê-lo, vemos como é fácil nos reconciliarmos com nossos semelhantes. A pessoa ofendida tem a responsabilidade de aceitar nossos esforços nesse sentido. E quando não podemos reparar o mal que fizemos, quando já é muito tarde ou impossível, então podemos procurar abençoar outras que estão ao nosso alcance. Estamos todos juntos neste mundo. Somos todos irmãos e irmãs, filhos do mesmo Pai Eterno, pertencemos à mes-

ma comunidade humana. Embora possamos reparar os danos que fizemos a alguns de seus filhos, existem outros a quem podemos abençoar.

O passado, de que alguns se lamentam, até certo ponto não é rígido e fixo quanto imaginamos. Quando o examinamos e nele descobrimos momentos vergonhosos, temos a tendência de isolá-los, de torná-los rígidos e de julgar que tais erros são fixos. Mas a verdade é que podemos mudar nosso passado. Não podemos alterar os eventos isolados mas temos a capacidade de modificá-lo no seu todo. A importância de cada acontecimento de nosso passado está constantemente mudando, devido à espécie de passado que estamos construindo.

Há alguns anos, uma jovem confessou a mim e minha esposa algo sobre um período muito trágico de sua vida. Não comentarei o fato, mas posso dizer que sua vida foi realmente trágica, e que jamais havia encontrado uma criatura com o olhar tão triste quanto o daquela jovem de dezoito anos de idade. Procurando consolá-la e dar-lhe alguma esperança no futuro, dei-me conta de que estamos sempre acrescentando alguma coisa ao passado, modificando e edificando-o todos os dias de nossa vida. A vida não é de natureza rígida, fixa ou quantitativa. Ela é crescente, qualitativa e total. E o total é maior do que qualquer uma de suas partes e dá significado a cada um de seus segmentos. Meu braço pendurado na parede é uma coisa; meu braço como parte de meu corpo e servo de minha mente, é algo bem diferente. Um acontecimento no passado daquela jovem, ou até mesmo uma dezena deles, era uma coisa aos dezoito anos de idade, quando ela se encontrava nas profundezas do desespero. Então, certo dia ela entrou para o rebanho do Senhor, foi batizada na Igreja, conseguiu ter fé em Cristo, converteu seu marido, criou uma bela família, e sua vida tem transcorrido normalmente desde aí. O vale de seus fracassos é uma coisa, quando considerado de maneira isolada, mas é outra bem diferente, quando se transforma num só ponto baixo de uma longa e maravilhosa existência. Este conceito faz com que a vida pareça mais dinâmica; é confortador e estimulante saber que temos capacidade de subir.

Creio que é sob este aspecto que Deus considera nossa vida. Eis alguns versículos muito conhecidos do Profeta Ezequiel:

“Mas, se o ímpio se converter de todos os seus pecados que cometeu, e guardar todos os meus estatutos, e proceder com retidão e justiça, certamente viverá. De todas as suas transgressões que cometeu, não haverá lembrança contra ele...” (Ezequiel 18:21-22). O passado só é significativo, em termos do que ele faz com que nos tornemos.

Ezequiel continua ainda: “De todas as suas transgressões que cometeu, não haverá lembrança contra ele; pela sua justiça que praticou viverá. Tenho eu algum prazer na morte do ímpio? diz o Senhor Deus. Não desejo antes que se converta dos seus caminhos e viva? (Ezequiel 18:22-23). E Isaías declarou: “... ainda que os vossos pecados são como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que são vermelhos como o carmesim, tornar-se-ão como a lã” (Isaías 1:18).

Esta é a minha convicção. Se Deus nos ama, seu único interesse está voltado para nós. “Que ninguém se julgue infeliz antes que chegue a sua morte. Não avalie o trabalho antes que o dia tenha terminado, e a tarefa sido completada.” Eu diria, jamais avaliem a vida — nem mesmo na eternidade — nós ainda a estamos construindo; nós a estamos transformando.

Devemos ser ousados em nosso desejo e esforço de fazer o que é certo. Muitas pessoas cometem enganos, porque não pensam no que é certo. Nosso conceito do evangelho é muito genérico — nós gostamos do que ele faz por nós; temos um testemunho, mas não procuramos definir o que cremos. Não costumamos dizer a nós mesmos: “Serei honesto”, mas o que significa a honestidade? E o que significa a castidade, qual é o espírito e natureza dela? Creio que estamos desprevenidos, quando não procuramos definir para nós mesmos o que realmente cremos, e quais são os valores a que nos apegamos. Não dizemos para nós mesmos por que cremos neles, para que assim se tornem nossos próprios valores — parte de nós mesmos. Eles não são apenas leis de Deus; são as nossas leis, porque as provamos e cremos nelas. Não devemos ficar sentados apaticamente, vendo o que nos acontece.

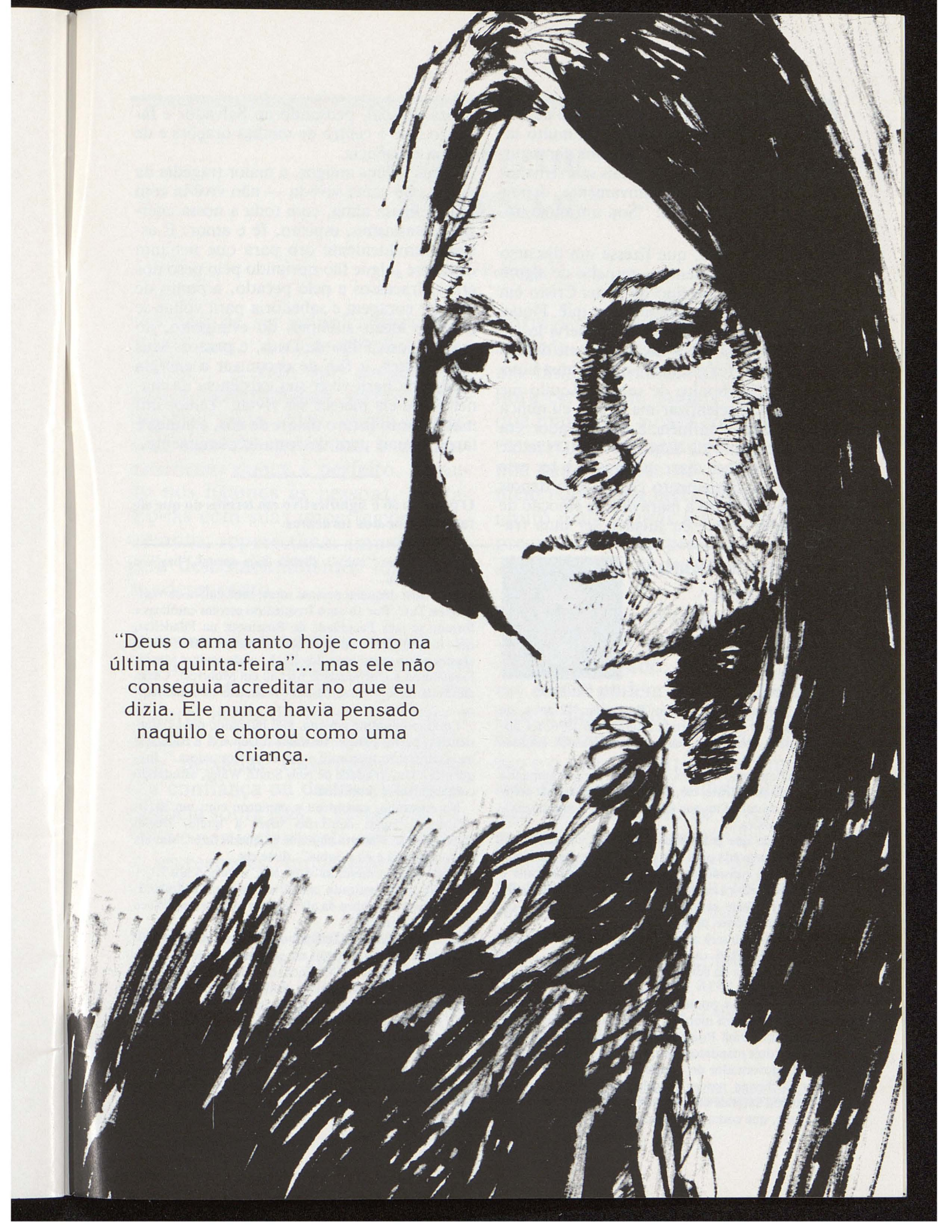
Devemos fazer mais do que os nossos oponentes.

E ainda, por que não procuramos ser agressivos... não quero dizer agressivos com palavras, jactanciosos ou grosseiros... e não definimos claramente os valores nos quais cremos? Isto se aplica também a vocês, quer sejam crentes ou incrédulos — santos dos últimos dias, católicos, judeus, protestantes, ateus ou defensores de qualquer outra filosofia. Toda pessoa precisa ter certa unidade de sentimentos. Todo homem precisa ser um em si mesmo, para ser realmente um homem. Precisa ter integridade, e não podemos tê-la sem definirmos quais são nossas convicções, valores ou metas pessoais. Podemos mudá-las algumas vezes, mas sempre devemos ter alguma espécie delas. É assim que definimos quais são nossos ideais e decidimos viver de acordo com eles. Se vocês vão trabalhar num banco e lidarem com dinheiro, não deixem para decidir se serão honestos quando estiverem com ele nas mãos. Decidam-se antes de entrar no banco, antes de aceitar o emprego. Digam em sua oração matinal: “Senhor, ajuda-me a não furtar dinheiro!” O dinheiro é uma tentação, principalmente quando sua esposa precisa de tantas coisas. “Será fácil devolvê-lo”, dizemos a nós mesmos. É assim que, de repente, somos tentados a cometer um ato desonesto. O Apóstolo Paulo declarou: “Portanto, tomaí toda armadura de Deus... Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça, e calçados os pés com a preparação do evangelho da paz.” (Efésios 6:13-15.) Estas palavras não soam muito bem aos nossos ouvidos na época atual, mas envergemos a armadura de Deus e enfrentemos a vida, sejam quais forem os ideais em que acreditamos, e certamente as dúvidas desaparecerão.

Façamos de Jesus Cristo um amigo. Todos os domingos, na oração sacramental, ouvimos dizer que testificamos ao Pai que desejamos tomar sobre nós o nome de Jesus Cristo, recordá-lo sempre e guardar os seus mandamentos, para que possamos ter conosco o seu Espírito. O que significa tomar sobre nós o nome de Jesus Cristo? O que significa recordá-lo sempre? Quantos de nós o tornam parte de sua vida diária, sem sermos fanáticos, sem nos comportarmos

como habitantes de outro mundo, vivendo neste planeta? Como desfrutar a vitalidade advinda desse companheirismo com o Salvador? Deixamos que os protestantes nos falem desse relacionamento com Cristo?

Tive, certa vez, uma experiência no campo missionário profundamente memorável para mim. Um homem veio procurar-me logo que terminou a reunião — ele tinha duas vezes a minha idade e era uma pessoa muito infeliz — e disse-me que havia cometido uma falta muito grave antes de filiar-se à Igreja, a qual sua esposa não queria perdoar, mas também não queria divorciar-se dele e fazia questão de lembrar-lhe constantemente sua falta. Ele me disse: “Cheguei a ter de mim a mesma opinião que minha esposa costumava ter. Como posso voltar a ser íntegro, puro de coração e limpo de pensamentos?” Eu lhe disse: “O que você tem procurado fazer para solucionar seu problema?” Respondeu: “Tenho-o combatido com todas as minhas forças.” Disse-lhe então que devia existir uma maneira melhor de combater o pecado. Ajoelhamo-nos juntos em oração, e logo a seguir, dei-lhe um livro para ler, cujo título era uma mensagem de estímulo: “*Porque como ele pensa consigo mesmo, assim é,*” — então abraçando-o pelos ombros, apertei firmemente sua mão e assegurei-lhe que ele, sem dúvida, conseguiria superar o problema. Então, não sei se por inspiração ou coincidência, indaguei: “Gostaria de preparar a ceia do Senhor para a Escola Dominical?” (Ele tinha o ofício de mestre no Sacerdócio Aarônico). O homem respondeu: “Você acha que sou digno de prepará-lo?” Eu disse: “Não, não creio que algum de nós realmente seja. Mas creio que Jesus Cristo ficaria muito satisfeito, se você lhe prestasse esse serviço.” E assim ele se pôs a arrumar a mesa da ceia do Senhor todas as manhãs de domingo. Passadas seis semanas, encontrei-me com ele no vestibulo, antes da Escola Dominical. Estendi a mão para cumprimentá-lo e externar minha confiança, mas ele colocou as suas atrás das costas e não disse nada. “Será que o ofendi de alguma forma?” perguntei. Ele então me disse: “Oh, não. É que acabei de lavar as mãos com sabão e água quente, e não posso apertar suas mãos ou as de qualquer outra pessoa antes de preparar a mesa do Senhor.” Aquela foi a mais linda prova de



“Deus o ama tanto hoje como na última quinta-feira”... mas ele não conseguia acreditar no que eu dizia. Ele nunca havia pensado naquilo e chorou como uma criança.

reverência que já vira no simples ato de preparar a mesa sacramental. Fiquei muito satisfeito com o progresso que tinha conseguido alcançar. Passaram-se mais seis semanas e ele veio procurar-me novamente, depois da reunião, e me disse: "Sou um novo homem."

Pedi-lhe, então, que fizesse um discurso na reunião sacramental a respeito de algum princípio do evangelho de Jesus Cristo em que realmente acreditasse, e por quê. Fiquei pensando no Salvador. O ato de servi-lo, de uma forma simples, e de pensar nele durante a semana, fez daquele homem uma nova criatura. Era bonito de se ver. Aquilo me ajudou a conscientizar-me de que eu nunca havia usado a influência do Salvador em minha própria vida daquela forma. Não me importo em lhes dizer que passei a ter esse tipo de relacionamento com Cristo depois daquele dia. Senti a maravilhosa emoção de sobrepujar o que eu julgava ser uma fra-

queza pessoal, pensando no Salvador e fazendo dele o centro de minhas orações e de minha existência.

Meus jovens amigos, a maior tragédia da vida é não saber vivê-la — não vivê-la com toda a nossa alma, com toda a nossa energia, entusiasmo, espírito, fé e amor. E assim, humildemente oro para que nenhum de nós se julgue tão oprimido pelo peso dos erros, fracassos e pelo pecado, a ponto de não ter coragem e sabedoria para voltar-se para os ideais sublimes do evangelho, ao maravilhoso Filho de Deus, e para os seus semelhantes, a fim de encontrar a energia necessária para viver sua existência da maneira que ela merece ser vivida. Temos um maravilhoso futuro diante de nós, e nunca é tarde demais para desfrutá-lo plenamente.

O passado só é significativo em termos do que ele faz com que nos tornemos.

MULHER MÓRMON É NOMEADA POR REAGAN

por Hal Knight

Redator da equipe do
"Church News"



Bay Buchanan

Uma mulher mórmon, Bay Buchanan, 32 anos, de Washington D.C., convertida à Igreja em 1976, foi nomeada pelo Presidente Reagan tesoureira dos Estados Unidos.

Trabalhou como tesoureira nacional para a campanha eleitoral do presidente, cargo que deliberadamente cultivou a fim de entrar no que ela chama de "o mundo excitante da política".

É esperado que o Senado aprove sua nomeação em março. Se aprovada para este posto à parte do gabinete, supervisionará a emissão da moeda corrente americana e seu nome aparecerá em todo papel-moeda impresso pelo governo. Também servirá como diretora nacional do programa dos bônus de poupança dos EUA.

Irmã Buchanan será a segunda mórmon a servir como tesoureira dos EUA. A primeira foi Ivy Baker Priest, que foi tesoureira da administração Eisenhower durante 8 anos.

Esta não será a primeira experiência do Presidente com uma tesoureira mórmon. Depois de seu serviço no posto federal, irmã Priest tornou-se tesoureira da Califórnia por dois mandatos, ao mesmo tempo que Reagan era eleito governador do estado.

Bay Buchanan nasceu Angela Marie Buchanan em uma família católica de sete irmãos e uma irmã. Seu irmão, Jack, que contava um ano de idade na época, não

conseguia dizer "baby". (bebê). Saía apenas "bay", e Bay continuou.

Ela é uma daquelas pessoas raras, uma nativa de Washington D.C. Por 16 anos frequentou escolas católicas e formou-se pela Faculdade de Rosemont na Filadélfia, em matemática. Aventureira e ambiciosa, queria afastar-se da costa leste dos EUA, onde sempre vivera. Frequentou a Universidade McGill em Montreal, Canadá, onde fez um curso de pós-graduação em matemática.

Leccionou durante um ano, mas buscando novas experiências, partiu para a Austrália. "Comecei a trabalhar na escrituração mercantil e tornei-me contadora." Frequentei a Universidade de New South Wales, estudando contabilidade e economia.

Na Austrália, encontrou e namorou com um SUD. "Tivemos longas conversas sobre a Igreja. Decidi converter-me. Não era algo que eu queria fazer. Mas ela era verdadeira e eu o sabia", disse ela.

Após dezoito meses na Austrália, retornou aos EUA em 1976 e foi batizada em Silver Springs, Maryland. Atualmente é membro da ala de Chevy Chase, na Estaca de Washington D.C.

De volta à América, trabalhou na firma de contabilidade de seu irmão e depois na campanha de Reagan, na qual seu irmão, Henry M. Buchanan era o tesoureiro nacional. Foi para a Califórnia com a equipe de Reagan, frequentou aulas de contabilidade na UCLA, e em fevereiro de 1979 tornou-se a tesoureira nacional de Reagan para a campanha presidencial. Em 1980 foi nomeada tesoureira nacional do Comitê Reagan-Bush.

"Tenho muito que aprender," disse ela sobre a nomeação para o governo. Mas nunca evitou os desafios antes e aguarda ansiosamente tornar-se tesoureira dos Estados Unidos.

A ARTE DE RELEVAR

Richard L. Evans

“A arte de ser sábio”, disse William James, “é a arte de saber o que relevar”. A vida sem amigos, parentes, camaradagem, seria completamente vazia. Mas, como as pessoas não são perfeitas, o companheirismo nunca é perfeito. Quando nos ligamos às pessoas, aceitamo-las com suas imperfeições. Entretanto, superestimar imperfeições gera descontentamento, infelicidade, desencanto.

É assim no casamento, no lar, na família, entre amigos e em todos os contatos da sociedade. E uma das maiores lições da vida é aprender a auxiliar as pessoas a aperfeiçoar-se sem deixá-las ressentidas, abalar sua confiança ou destruir nossa influência sobre elas. Corrigir em público é particularmente embaraçoso e repreensões sarcásticas sempre ofendem.

Nenhum de nós jamais faz tudo o que precisa fazer com a perfeição com que deveria. Ninguém é dono de todas as virtudes e habilidades ou tem conduta impecável. Não

existe pessoa que “nunca” seja descuidada. Que siga sempre uma mesma linha, tomando as refeições à hora certa (sem jamais se atrasar), que mantenha a casa como se esperasse constantemente visita, que tenha tudo sempre no lugar. O homem não é uma mera máquina — é muito mais — mas até as máquinas precisam de compreensão e apresentam falhas de funcionamento.

Há muito para ser relevado em cada um de nós — e muito que “não” deve ser relevado. Mas, mesmo essas coisas podem ser tratadas com tato e dedicação, escolhendo-se a hora, o lugar, a disposição de ânimo e o método certos. Existem formas de sugerir, ser indulgente, corrigir com bondade, ao invés de repreender de maneira ríspida, cruel e precipitada, o que faz com que a pessoa fique humilhada, ferida, ressentida. Há hora de corrigir e de não corrigir.

Existem formas de repreender e de não repreender. “A arte de ser sábio é a arte de saber o que relevar” — e “quando”.

Marcos 4:36-41

“E eles, deixando a multidão, o levaram consigo, assim como estava, no barco; e havia com ele também outros barcos.

“E se levantou grande tempestade de vento, e as ondas batiam dentro do barco, de modo que já se enchia.

“Ele, porém, estava na popa dormindo sobre a almofada; e despertaram-no, e lhe perguntaram: Mestre, não se te dá que pereçamos?

“E ele, levantando-se, repreendeu o vento e disse ao mar: Cala-te, aquieta-te. E cessou o vento, e fez-se grande bonança.

“Então lhes perguntou: Por que sois assim tímidos? Ainda não tendes fé?

“Encheram-se de grande temor, e diziam uns aos outros: Quem, porventura, é este, que até o vento e o mar lhe obedecem?”

L.D.S. CHURCH
TRANSLATION SERVICES DEPT.
LIBRARY

SEP 01 1991